

Vida Consagrada – Vida Angélica

Resumo

Inspirados pela observação do Papa Francisco de que “o Ano da Vida Consagrada não diz respeito apenas às pessoas consagradas, mas à Igreja inteira”, o autor examina a Vida Consagrada dos monges do deserto como “vida angélica”.

Guiado pelo movimento ascendente e descendente dos Anjos, ele mostra que essa característica se pode aplicar à vida consagrada de todos os tempos; o que confirma com vários exemplos da presença de Anjos na vida de pessoas consagradas.

Procedendo de modo semelhante, o autor prova que cada cristão deve viver uma “vida angélica” pois pertence a Cristo e “ainda aqui na terra... participa na fé da sociedade bem-aventurada dos anjos” (Catecismo, 336).

Summary

Inspired by the Pope Francis’ observation, that “The Year for Consecrated Life concerns ... the entire Church”, the author examines Consecrated Life in relation to the „angelic life“. He shows that the characteristic of “Living like the Angels” can be applied not only to consecrated persons but also to the life of every Christian. The author shows that every Christian should live an „Angelic life“ as he belongs to Christ and “shares by faith in the blessed company of angels” (CCC 336).

* * *

I. A Vida Consagrada como Vida Angélica no século XXI

O Papa Francisco declarou o ano presente como “Ano da Vida Consagrada”. Disse ele: “O Ano da Vida Consagrada não diz respeito apenas às pessoas consagradas, mas à Igreja inteira. Assim dirijo-me a todo o povo cristão”, pois, citando o Beato Papa Paulo VI, “sem este sinal concreto, a caridade que anima a Igreja inteira correria o risco de se resfriar, o paradoxo salvífico do Evangelho de se atenuar, o ‘sal’ da fé de se diluir num mundo em fase de secularização (*Evangelica testificatio*, 3).”¹

Um segredo da força da vida consagrada está na sua proximidade ao mundo dos poderosos santos Anjos. A imitação desses espíritos celestes pelas pessoas consagradas é a razão porque “tradicionalmente, a vida monástica é comparada à vida angélica”². Segundo os nossos Papas pode-se chamar toda a “vida consagrada” uma “vida angélica”.

A este respeito, o Papa Pio XII escreveu: “A virgindade merece bem o nome de virtude angélica. São Cipriano lembra-o com razão às virgens: ‘O que nós havemos de ser todos, já vós o começastes a ser. Possuís já neste mundo a glória da ressurreição; vós passais através do mundo sem as manchas do mundo. Enquanto perseverais castas e virgens, sois iguais aos anjos de Deus’³.”⁴

E São João Paulo II disse, na sua exortação apostólica *Vida Consagrada*: “Os monges são chamados também de ‘Anjos de Deus sobre a terra’.”⁵ E a razão é esta: “A vida consagrada anuncia e de certo modo antecipa o tempo futuro, quando, alcançada a plenitude daquele Reino dos céus que agora está presente apenas em germen e no mistério, os filhos da ressurreição não tomarão esposa nem marido, mas serão como

¹ FRANCISCO, *Carta Apostólica às Pessoas Consagradas para a Proclamação do Ano da Vida Consagrada*, 21 de novembro de 2014, IIIª parte.

² P. EVDOKIMOV, *La santità nella tradizione della Chiesa ortodossa*, Fossano 1977, 126s.; em C. ROCCHETTA, ed., *Angeli e demoni. Il dramma della storia tra il bene e il male*, Ed. Dehoniane, Bologna, 1992, art. A. AMATO, “L’Angelologia nella Tradizione della Chiesa”, 105-150, 140.

³ S. CYPRIANO, *De habitu virginum*, 22; *PL* 4, 462; cf. S. AMBROSIIUS, *De virginibus*, lib. I, c. 8, n. 52; *PL*, 16, 202.

⁴ PIO XII, *Carta encíclica A Sagrada virgindade*, 1954, n. 28; cf. PIO XII, *Constituição apostólica Sponsa Christi*, 21 de novembro de 1950.

⁵ S. JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no Mundo*, 1996, n. 27; cf. M. STANZIONE, *I Papi e gli Angeli*, Gribaudi, Milano 2010.

Anjos de Deus (cf. *Mt* 22, 30). De fato, a primazia da castidade perfeita pelo Reino, justamente considerada a ‘porta’ de toda a vida consagrada, é objeto do ensinamento constante da Igreja.”⁶

Estas não são vozes piedosas e isoladas, mas é a voz da Igreja.

1. O clima menos favorável no nosso tempo

Há vários motivos para que essa visão da vida consagrada não seja tão familiar nos nossos dias.

O Papa Pio XI recordou a “pior das heresias, o jansenismo”, “oposto ao amor e à piedade para com Deus e que no-lo representava não como Pai, mas como juiz temível e implacável”⁷. O jansenismo exigia das pessoas de serem puras como os Anjos (ou até mais ainda), levando assim a um orgulho diabólico. O exagero desse movimento não animou nem a buscar a amizade com os Anjos e menos ainda à tentativa de imitá-los.⁸

Do lado filosófico E. Kant fechou o acesso ao mundo espiritual⁹ pela sua “morte da metafísica” e roubou a distinção entre o ser e agir, de modo que por estes dois motivos tornou-se difícil de se comunicar com os Anjos.

A aumentada atenção ao mundo material ocupa tanto o homem hoje que este encontra pouco tempo para pensar e comunicar-se com o mundo angélico “acima” de si. Isto ecoa em certo sentido também na vida consagrada. Esta é hoje considerada principalmente como vocação missionária e evangelizadora.

Também no ambiente teológico, a primeira atenção não vai para os Anjos: a angelologia não se encontra “nella gerarchia delle verità di fede ... ai primi posti”¹⁰. Também se pode observar que “la presenza benefica e protettrice degli angeli sembra sia stata sostituita dalla mediazione materna

⁶ S. JOÃO PAULO II, *Vida Consagrada*, 32.

⁷ PIO XI, *Encíclica Sobre o Sagrado Coração de Jesus*, 1928, 2; cf. P. FAURE, *Gli angeli*, ed. Paoline, Cinisello Balsamo, 1991, 127-129: “La tentazione dell’angelismo”; já na Igreja primitiva existia tal tendência, “Die Angeliker – os Angélicos”, cf. S. FRANK, *Angelicos Bios. Begriffsanalytische und begriffsgeschichtliche Untersuchung zum ‘engelgleichen Leben’ im frühen Mönchtum*, Münster 1964, 165-166.

⁸ S. Paulo pode ter sido confrontado já com semelhantes exemplos quando apontou aos Colossenses exageros na devoção aos Anjos, cf. *Col.* 2,18.

⁹ Cf. T. RUSTER, *Die neue Engelreligion. Lichtgestalten – dunkle Mächte*, Kevelaer 2010, 97-109.

¹⁰ AMATO, 141.

di Maria, la regina degli angeli”¹¹. E o exemplo de muitos Santos está diante dos fiéis como em nenhum tempo anterior da história, podendo satisfazer assim o interesse por uma companhia celeste.

2. Um “retorno ao sagrado”

Apesar deste clima espiritual não tão favorável podem ver-se sinais de “retorno ao sagrado”¹². Há vozes que lembram que o homem é “per metà angelo, per metà bestia”, então é “terrestre e insieme celeste, di carne e di spirito”¹³, semelhante ao monge que “tradicionalmente é chamado ‘Anjo terrestre e homem celeste’.”¹⁴

Sempre os Anjos tiveram uma grande influência, mesmo que seja raramente observada. Há ainda teólogos que reconhecem e confessam:

Dagli *esercizi spirituali* di Ignazio di Loyola ai capolavori mistici di santa Teresa d’Avila e san Giovanni della Croce, agli scritti spirituali di san Francesco di Sales, Angelo Silesius, san Luigi Maria da Montfort, J. H. Newman, P. Claudel, P. Evdokimov, K. Rahner, H. U. Von Balthasar si delinea una profonda corrente di santificazione cristiana ispirata alla contemplazione e alla imitazione degli angeli.¹⁵

O ensino do Magistério da Igreja está acima das ondas do tempo.

Deus não deixou dúvidas nas mensagens da Igreja, especialmente dos últimos Papas, que deve haver uma “dimensão contemplativa da vida consagrada”¹⁶, porque o amor ao próximo deve-se fundar no amor a Deus,¹⁷ e que o “entusiasmo pela evangelização vem do fogo que se acende na oração”¹⁸. Ora, os especialistas na contemplação são os santos Anjos pelo fato de estarem mergulhados no amor de Deus e serem zelosos apóstolos devido à sua união com o fogo divino. Olhar para estes espíritos puros e

¹¹ AMATO, 142.

¹² AMATO, 145.

¹³ FAURE, 128; cf. *ibid.*, 93-103; H. CORBIN, *Il paradosso del monoteismo*, Casale Monferrato 1986; Y. CATTIN und P. FAURE, *Die Engel und ihr Bild im Mittelalter*, Regensburg 2000 (cf. *SapCruc* 2, 2001, 130-136).

¹⁴ P. EVDOKIMOV, *La santità*, 126s; em AMATO, 140.

¹⁵ AMATO, 140.

¹⁶ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SECULARES, *A Dimensão contemplativa da vida religiosa*, 1980.

¹⁷ Cf. BENTO XVI, *Deus é amor*, 2005, 16-18.

¹⁸ FRANCISCO, *A Alegria do Evangelho*, 2013, n. 264.

santos deve ajudar exatamente a ser um verdadeiro evangelizador conforme a Vontade de Deus.

Em 1985 foram aprovadas as Constituições do “Istituto delle Suore degli Angeli, adoratrici della SS. Trinità”, fundado em 1891 com o explícito ideal da imitação dos Anjos. A Igreja espera delas segundo o primeiro artigo dessas Constituições:

*Como gli angeli sono in continua adorazione e contemplazione della Triade Sacrosanta, così le Suore degli Angeli si uniranno agli Angeli stessi per benedire e lodare Iddio nelle Tre Auguste Persone, specialmente per mezzo dell’Eucaristia, e per svolgere la loro missione al servizio dei fratelli (ISTITUTO SUORE DEGLI ANGELI, *Costituzioni e Direttorio*, Napoli 1985, art.1).¹⁹*

Depois das extensas seis Catequeses de São João Paulo II no ano 1986, ensina a Igreja no *Catecismo da Igreja Católica*, citando São Tomás de Aquino:

Os Anjos são criaturas espirituais que glorificam a Deus sem cessar e servem a seus designios salvíficos em relação às demais criaturas: ‘Ad omnia bona nostra cooperantur angeli – Os Anjos cooperam para todos os nossos bens’ (São Tomás de Aquino, *S. Th.* I, 114, 3, ad 3).²⁰

E ainda:

Toda “a vida da Igreja se beneficia da ajuda misteriosa e poderosa dos Anjos”²¹.

No “*Diretório sobre Piedade popular e Liturgia*” do ano 2001 lê-se: “A devoção aos Anjos da Guarda dá também lugar a um estilo de vida...”. Esta expressão faz surgir a pergunta: existe então uma “vida angélica”, ou seja, uma vida caracterizada pela influência dos santos Anjos? Nesse contexto, a Igreja não pensou concretamente no “estilo de vida” dos diversos institutos de vida consagrada. As características dadas devem aplicar-se à vida espiritual em qualquer circunstância da vida, mas são

¹⁹ AMATO, 140, nota 173. O bispo A. Ambrosanio comenta o carisma desse Instituto assim: “Ecco il carisma del vostro Istituto, il vostro carisma: ‘Essere quaggiù, come gli Angeli sono lassù’.” (A. AMBROSANIO, *Come gli Angeli. Un carisma, una vita*, Napoli 21991, 66). “La Suora degli Angeli deve vivere la sua unione angelica” (ibid., 100). “Avrete i pensieri degli Angeli, avrete i sentimenti degli Angeli, contemplerete come gli Angeli, farete opere di Angeli, gusterete una comunione angelica in un’esperienza di comunità” (ibid., 106).

²⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, 350.

²¹ *Catecismo da Igreja Católica*, 334; o original em latim diz: “*tota Ecclesiae vita*”, isto é, “*toda a vida da Igreja...*”.

causadas pela presença e influência dos santos Anjos. A explicação da Congregação Romana é esta:

“... um estilo de vida, então caracterizado por:

- devota gratidão a Deus, que colocou a serviço dos homens espíritos de tão grande santidade e dignidade;
- atitude de compostura e piedade, provocada pela consciência de estar constantemente na presença dos santos Anjos;
- serena confiança no enfrentamento de situações até difíceis, porque o Senhor guia e assiste o fiel no caminho da justiça até mesmo através do ministério dos Anjos.”²²

A Igreja vê assim uma presença determinante dos santos Anjos na vida das almas, tanto nas almas consagradas como também nas almas dos fiéis em geral.

Disto surgem algumas perguntas: Será então a vida angélica uma característica não exclusiva da vida consagrada, podendo-se também aplicar a toda a vida cristã? E quais seriam as características específicas da vida consagrada como vida angélica?

O nosso objetivo é, principalmente, tentar entender o sentido da vida consagrada como vida angélica. É necessário examinar a origem desse título e o testemunho dos primeiros monges. Levando em conta que “los textos son, sobre este punto (a semejanza entre la vida de los monges y la vida angélica), innumerables”²³, basta aqui indicar alguns estudos extensos sobre essa matéria que permitem encontrar a nossa resposta. A interpretação do conceito “vida angélica” dada pelos primeiros monges foi elaborada por Suso Frank na sua dissertação “Angelicos Bios” em 1964²⁴. Uma fundamentação na eclesiologia foi elaborada por Ch. Journet²⁵ e a

²² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Diretório sobre Piedade popular e Liturgia. Princípios e Orientações*, 2001, n. 216.

²³ J. LECLERCQ, *L'amour des lettres et le désir de Dieu*, Paris, 1957, 59; cit. em G. M. COLOMBÁS, *Paraíso y Vida angélica. Sentido escatológico de la Vocación cristiana*, Abadía de Montserrat, 1958, 8.

²⁴ S. FRANK, *Angelicos Bios* (cf. nota 7). Conforme a finalidade do nosso trabalho nos permitimos traduzir desse estudo as fontes citadas aqui se não houver outra indicação.

²⁵ C. JOURNET, *Per una Teologia ecclesiale della Storia della Salvezza*, D'Auria, Napoli, 1972, 179-391.

sua manifestação na liturgia por E. Peterson²⁶. A fundamentação do ideal da união de Anjos e homens no paraíso antes do pecado e a intenção de reencontrar o paraíso perdido foi mostrada com extensa documentação pelo Monge de Montserrat García Colombás em 1958²⁷. Nesses trabalhos se encontram também mais dados bibliográficos.

O nosso plano, como contribuição para este ano dedicado à vida consagrada é este: verificamos primeiro a origem da idéia da vida consagrada como vida angélica; depois olhamos à dimensão escatológica que pertence à essência da Igreja. Num terceiro passo queremos ver o que os monges dos primeiros séculos entenderam por vida angélica e como tentaram alcançá-la. Na última parte queremos mostrar como a vida consagrada em todo o tempo da Igreja é, nos seus melhores representantes, realmente uma vida angélica. Isto permitirá ver como se pode chamar “vida angélica” também à vida à qual todos os fiéis são chamados.

II. A Vida Consagrada como Vida Angélica na Igreja

A origem deste ponto de vista da vida consagrada não vem de alguma expressão entusiasta como é costume hoje declarar “angélico” a um comportamento exemplar ou “anjo” a uma pessoa que se admira. Ainda hoje, pessoas dão umas às outras o apelido “meu anjo” ou “és um Anjo para mim”.²⁸ Nem tal costume, que encontramos até na Sagrada Escritura²⁹, deu origem a esse título.

1. A origem da “Vida Angélica”

A idéia de chamar à vida consagrada também vida angélica surgiu de uma observação que Jesus fez em resposta aos “saduceus, que negavam a ressurreição”. Eles

interrogaram-no: ‘Mestre, Moisés disse: Se um homem morrer sem filhos, seu irmão case-se com a sua viúva e dê-lhe assim uma posteridade (*Dt 25,5*). Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu. Como não

²⁶ E. PETERSON, *Das Buch der Engel*, 1934 – constantemente reeditado em várias línguas.

²⁷ G. M. COLOMBÁS, *Paraíso y Vida angélica* (cf. nota 23).

²⁸ Cf. COLOMBÁS, 14-15.

²⁹ Encontramos quatro vezes a expressão “como um Anjo” aplicada a Davi: “Eu sei, tu (Davi) foste para mim como um Anjo do Senhor” (*1 Sam 29,9*; cf. *2 Sam 14,17.20*; *19,27*).

tinha filhos, deixou sua mulher ao seu irmão. O mesmo sucedeu ao segundo, depois ao terceiro, até o sétimo. Por sua vez, depois deles todos, morreu também a mulher. Na ressurreição, de qual dos sete será a mulher, uma vez que todos a tiveram? Respondeu-lhes Jesus: Errais, não compreendendo as Escrituras nem o poder de Deus. Na ressurreição, os homens não terão mulheres nem as mulheres, maridos; mas serão como os Anjos de Deus no céu (*ὡς ἄγγελοι ἐν τῷ οὐρανῷ εἰσιν*). (Mt 22,23-30)

São Marcos transmitiu, quase literalmente o mesmo encontro; e esta foi a resposta de Jesus: “Na ressurreição dos mortos, os homens não tomarão mulheres, nem as mulheres, maridos, mas serão como os Anjos nos céus (*εἰσὶν ὡς ἄγγελοι ἐν τοῖς οὐρανοῖς*)” (Mc 12,25). E segundo São Lucas Jesus disse: “Eles ... são iguais aos Anjos e são filhos de Deus (*ἰσάγγελοι γὰρ εἰσιν καὶ υἱοὶ εἰσιν θεοῦ*), porque são ressuscitados” (Lc 20,36).

O texto é claro e é confirmado pelos três evangelistas que contam esse encontro.

O tema é a vida após a morte, ou seja, a meta final e permanente, a meta para todos.

Sem dúvida, quanto mais “demorada” a vida após a morte é, tanto mais importante. Toda a nossa fé, especialmente depois da ressurreição de Jesus, dirige a nossa atenção para lá. No grande “sermão da montanha” Jesus ensinou:

Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furtam e roubam. Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem as traças nem a ferrugem, e os ladrões não furtam nem roubam. Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração... Se Deus veste assim a erva dos campos, que hoje cresce e amanhã será lançada ao fogo, quanto mais a vós, homens de pouca fé? Não vos aflijais, nem digais: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? ... Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo. (Mt 6,19-21.30-33)

O Espírito Santo já ensinara no Antigo Testamento a rezar por esta sabedoria. O Salmista, por exemplo, rezou com

Moisés, homem de Deus. Senhor, fostes nosso refúgio de geração em geração. ... Colocastes diante de vós as nossas culpas, e nossos pecados ocultos à vista de vossos olhos. ... Quem avalia a força de vossa cólera, e mede a vossa ira com o temor que vos é devido? Ensinai-nos a bem contar os nossos dias, para alcançarmos o saber do coração. (Sl 90, 1.8.11-12)

No Novo Testamento, Deus inspirou almas não só com o santo temor, mas também pelo dom de piedade, com tanta ânsia por essa vida além da morte que sempre mais pessoas procuraram viver tal vida já aqui, ainda nesta vida, na carne perecível.

2. A Vida Consagrada e a Igreja

A Igreja reconheceu esta atenção escatológica, apoiou-a e se gloriou, por fim, reconhecendo que uma vida com tal intenção revela até uma sua dimensão essencial. A Igreja define hoje a vida consagrada nesses termos:

A Vida Consagrada pela profissão dos conselhos evangélicos é uma forma estável de viver, pela qual os fiéis, seguindo mais de perto a Cristo sob a ação do Espírito Santo, consagram-se totalmente a Deus sumamente amado, para assim, dedicados por título novo e especial a sua honra, à construção da Igreja e à salvação do mundo, alcançarem a perfeição da caridade no serviço do Reino de Deus e, transformados em sinal preclaro na Igreja, preanunciarem a glória celeste.³⁰

Podemos sublinhar três elementos principais dessa definição: a consagração total a Deus com duas finalidades, para alcançar “a perfeição da caridade no serviço” e indicar a meta final, ou seja, preanunciar “a glória celeste”. Estas características indicam antes de tudo a comunhão perfeita com Jesus como Filho de Deus ao qual se consagra, como homem com o qual se constrói a Igreja e como Deus com quem se fica unido para uma eternidade. Porque existe em Cristo essa união misteriosa das duas naturezas, a divina e humana, temos uma dupla *tensão* nas almas consagradas a Ele: “*A vida consagrada está colocada mesmo no coração da Igreja, como elemento decisivo para a sua missão, visto que «exprime a íntima natureza da vocação cristã» e a tensão da Igreja-Esposa para a união com o único Esposo.*”³¹ E através desse relacionamento da Igreja com o Divino esposo abre-se o acesso a uma segunda tensão, a escatológica:

É que na vida consagrada não se trata apenas de seguir Cristo de todo o coração, ... mas trata-se de viver e exprimir isso mesmo com uma adesão «conformativa» a Cristo da existência inteira, numa tensão totalizante que antecipa, por quanto possível no tempo e aos vários carismas, a perfeição escatológica.³²

³⁰ *Código de Direito Canônico*, can. 573 § 1.

³¹ S. JOÃO PAULO II, *Vida Consagrada*, n. 3.

³² S. JOÃO PAULO II, *Vida Consagrada*, n. 16.

A Igreja tem o dever de revelar e anunciar isso a “todas as criaturas” (Mc 16,15), pois a “glória celeste” não é somente a meta da Igreja, mas também a meta de todo o mundo, de toda a criação. E ela revela isso especialmente através das almas consagradas que são constituídas, por assim dizer, nessa dimensão escatológica da Igreja.

Dado que hoje as preocupações apostólicas se fazem sentir sempre com maior urgência e o empenhamento nas coisas deste mundo corre o risco de ser cada vez mais absorvente, torna-se particularmente oportuno chamar a atenção para a *natureza escatológica da vida consagrada*.

«Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração» (Mt 6, 21): esse tesouro único, que é o Reino, suscita desejo, expectativa, compromisso e testemunho. ... «porque a figura deste mundo passa» (1 Cor 7, 31; cf. 1 Ped 1, 3-6). É neste horizonte que melhor se compreende a *função de sinal escatológico*, própria da vida consagrada. De fato, é constante a doutrina que a apresenta como antecipação do Reino futuro. O Concílio Vaticano II reitera este ensinamento, quando afirma que a consagração «preanuncia a ressurreição futura e a glória do Reino celeste».³³

III. A Vida Consagrada como Vida Angélica nos primeiros séculos da Igreja

Para entender melhor a segunda tensão, a vida aqui em vista da vida futura, Jesus apontou para os santos Anjos. Eles já estão com Ele e o Pai e o Espírito Santo. Os fiéis então, “seguindo mais de perto a Cristo sob a ação do Espírito Santo”³⁴, tentaram antecipar a vida após a morte pela assimilação ou imitação da vida dos Anjos no céu. Porém, sabe-se como vivem os Anjos no céu? Na observação de Jesus nada foi indicado sobre a vida dos Anjos.³⁵ Apenas disse positivamente que os homens “serão como os Anjos nos céus” (Mc 12,25) ou até “iguais aos Anjos e são filhos de Deus” (Lc 20,36) e negativamente que eles “não tomarão mulheres, nem as mulheres, maridos”.³⁶

³³ S. JOÃO PAULO II, *Vida Consagrada*, n. 26.

³⁴ *Código de Direito Canônico*, can. 573 § 1.

³⁵ Jesus não disse que os Anjos não se casam porque sabe que nem o poderiam fazer sendo espíritos puros. Por isso deve-se procurar o significado do “como os Anjos” em outras áreas.

³⁶ Desta referência surgiu em primeiro lugar a associação da vida angélica com a vida de continência, mesmo que os Anjos não pratiquem a virtude da castidade. Não há

Isso levou aqueles que se sentiram mais atraídos para as coisas de Deus a responder de duas maneiras, uma negativa e outra positiva. A conclusão negativa seria de deixar já nesta vida terrestre tudo quanto se possa dispensar, e a positiva seria praticar ou intensificar já nesta vida, antes da morte, tudo aquilo que se pode fazer da vida de lá.

A indicação da vida futura sem casamento explica-se pelo contexto da pergunta provocante dos saduceus. Por isso não se deve valorizar demais esse aspecto. Porém, por motivo da natureza e psicologia humana, essa descrição deve ter um lugar especial na ânsia de chegar à meta definitiva quanto antes ou, ao menos, tão perfeitamente quanto possível. A razão está nisto: é uma forma concreta de viver já e a sua motivação vem do além e prepara para a nova vida. Continuou São João Paulo II sua explicação dessa dimensão da vida consagrada assim:

O Concílio Vaticano II reitera este ensinamento, quando afirma que a consagração «preanuncia a ressurreição futura e a glória do Reino celeste». Fá-lo, antes de mais, pela *opção virginal*, concebida sempre pela tradição como *uma antecipação do mundo definitivo*, que já desde agora atua e transforma o homem na sua globalidade. As pessoas que dedicaram a sua vida a Cristo, não podem deixar de viver no desejo de O encontrar, para estarem finalmente e para sempre com Ele. Daí a esperança ardente, daí o desejo de «entrarem na Fornalha de amor que nelas arde, e que outra coisa não é que o Espírito Santo»: esperança e desejo amparados pelos dons que o Senhor livremente concede a quantos aspiram às coisas do alto (cf. *Col 3, 1*). Com o olhar fixo nas coisas do Senhor, a pessoa consagrada lembra que «não temos aqui cidade permanente» (*Heb 13, 14*), porque «somos cidadãos do Céu» (*Fil 3, 20*). A única coisa necessária é buscar «o Reino de Deus e a sua justiça» (*Mt 6, 33*), implorando sem cessar a vinda do Senhor.³⁷

Na prática, o chamado a não-casar ou à castidade perfeita pela continência total leva a um controle das paixões, e esse liberta a mente e a vontade espiritual para o seu verdadeiro papel, ou seja, ser o dirigente da vida humana.

Nos tempos dos monges no deserto não havia ainda uma teologia desenvolvida para tratar do controle das três concupiscências indicadas por São João (cf. *1 Jo 2, 16*) com os três conselhos evangélicos, ou seja,

indicações que “la teoria di un peccato sessuale degli angeli, come causa della loro caduta” (AMATO, 118), tivesse causado qualquer influência no tema do nosso interesse aqui. Essa teoria desaparece definitivamente somente no quinto século (cf. *Ibid.*, 110-111 e 118).

³⁷ S. JOÃO PAULO II, *Vida Consagrada*, 26.

a concupiscência dos olhos com a pobreza, a concupiscência da carne com a castidade e a soberba com a obediência, mesmo que os conselhos do Anjo Rafael a Tobias de “oração acompanhada de jejum, e a esmola”³⁸ possam inspirar a isso. Também deve ser mencionado que não há entre esses monges nos primeiros séculos da Igreja um sistema seguido por todos. Normalmente, alguém que resolveu deixar o mundo foi introduzido nessa vida nova por um monge de muitos anos de experiência.

Como até a Idade Média a teologia consistiu em “Sentenças” dos grandes pensadores antigos, assim também a riqueza espiritual desse tempo inicial se transmitiu por breves narrações de experiências e orientações que, ou foram transmitidas oralmente, ou por coleções escritas como a “História dos Monges”³⁹, a “Philocalia”⁴⁰ ou os “Apophthegmata Patrum – Sentenças dos Padres do deserto”⁴¹. Muito sabemos também pelas homilias dos bispos daquele tempo.

1. O primeiro passo: a subida com os Anjos

São João Crisóstomo nos oferece uma luz para nos orientarmos no rico mundo desses milhares de monges e monjas desse primeiro tempo da vida consagrada: “Todo o esforço dos monges é dirigido à imitação dos Anjos... não levando em conta as pequenas coisas, eles vivem como não tivessem um corpo.”⁴² Deste modo, podemos também aplicar o termo “vida angélica” à vida consagrada.⁴³

³⁸ Tob 12,8; cf. a explicação da “perfeição angélica” a partir desses conselhos em T. KIENINGER, *Tobias e Rafael. Um Homem e um Anjo*, Anápolis 2011, 147-155.

³⁹ “The *Historia Monachorum* is attributed by Ananisho to St Jerome.” (N. RUSSELL, *The Lives of the Desert Fathers. The Historia Monachorum in Aegypto*, Cistercian Publications, Kalamazoo, MI 1981, 159). S. Jerônimo morreu em 419.

⁴⁰ *The Philocalia. The complete Text*, Volume I-IV, Faber and Faber, London 1995; *La filocalia de la Oracion de Jesus*, Editorial Lumen, Buenos Aires 1979.

⁴¹ “*Apophthegmata Patrum*”, “*The Sayings of the desert Fathers*”, Kalamazoo, MI, 1984.

⁴² S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matth. Hom.*, 70,5.

⁴³ Na terminologia litúrgica e canônica dos Bizantinos, *vida angélica* significa exclusivamente o estado da vida monástica (cf. Pier G. CABRA, *A Short Course on the Consecrated Life*, Institute on Religious Life, Libertyville, IL, 2010, I, 2.6, 24).

a) “Separar-se do mundo”

Assim, a imitação dos Anjos se realiza primeiro pela renúncia de tudo aquilo que se possa dispensar da vida terrestre e no nosso corpo, pois “renuncia a ti mesmo, ó homem, para que te tornes um anjo”⁴⁴.

A primeira orientação em que o “Abba” ou pai espiritual insiste é de “separar-se do mundo”. Assim escreveu Nilus de Ankyra ao Coronel Kastor: “O miserável mundo é uma cova, na qual os homens justos moram quase como Anjos. Os homens maus se escondem nela como cobras; eles danificam os homens santos e os atiram para baixo.”⁴⁵ Parece que Nilus associa os homens justos com os Anjos por um bom senso. Mas para ir tão longe e tirar a conclusão de fugir desse mundo, Arsênio, um ministro no palácio imperial, atribuiu essa resolução, e com isso a sua vocação monacal, a uma voz de cima que lhe dizia pessoalmente: “Arsênio, fuge dos homens e te salvarás!”⁴⁶ Isso tornou-se tão comum que se pode dizer: “Sair do mundo é a condição silenciosa para a vida monacal.”⁴⁷ Orígenes encoraja: “Não tenhas medo da solidão do deserto. Logo, até os Anjos virão para estar contigo!”⁴⁸

Com a experiência, os monges descobriram a necessidade, até ainda no deserto, de afastar-se dos homens para ficarem unidos com Deus. O mesmo Arsênio procurou o motivo para essa fuga de um do outro. A explicação que recebeu foi esta: “Deus sabe que vos amo; mas não posso estar junto com Deus e os homens. Os milhares e dez mil lá em cima [quer dizer, os Anjos] têm uma vontade, mas os homens tem várias vontades. Não posso deixar Deus e ir com os homens.”⁴⁹ De novo encontramos a referência aos Anjos no céu como orientação e motivação para as decisões e escolhas na terra. De Sisoies de Tebas se conta que, depois da liturgia em comum, correu rapidamente para a sua cela.⁵⁰

⁴⁴ “Nega te, homo, ut angelus efficiaris” (S. AGOSTINHO, *Sermo de natale S. Cypriani*, 2; em COLOMBÁS, 114).

⁴⁵ NILUS, carta 21.

⁴⁶ *Apophthegmata Patrum*, Arsenios, n. 1; de modo semelhante, o Anjo da Guarda de S. Onófrio apareceu-lhe e disse-lhe: “Eu sou teu Anjo da Guarda, a quem Deus designou a ti desde o início para ficar contigo por ordem dele e para te conduzir ao deserto...” (*Vida de Santo Onófrio*, cap. 7).

⁴⁷ FRANK, 18.

⁴⁸ ORIGINES, *Homilia in Num.*, 17,4.

⁴⁹ *Apophthegmata Patrum*, Arsenios, n. 13.

⁵⁰ *Apophthegmata Patrum*, Sisoies, n. 37.

b) A veste angélica

Como sinal da sua morte para o mundo e do desprezo das necessidades do povo do mundo, os monges fizeram também uma questão da abnegação da vaidade no vestir-se. A orientação que São Jerônimo deu numa carta, pode-se considerar como regra geral para a roupa do monge: o vestuário deve proteger contra o frio e cobrir o corpo.⁵¹ Alguns pensaram que sua roupa não deve ser apenas pobre e barata, mas também suja como sinal da total despreocupação dos Anjos.⁵² Uns pensaram que, por motivo de penitência e sinal de morte, deveria ser de cor escura. Outros já olharam para adiante, para o seu caminho de encontro com os Anjos, e optaram pela cor branca conforme as aparições dos Anjos segundo a Sagrada Escritura.⁵³

c) Pobreza

Na distância do mundo não é necessário insistir muito na pobreza. Antes se pergunta como conseguem ao menos o mínimo para sobreviver no deserto. Aí se juntam outras formas de vida desses heróis de Deus ou mártires, como também são chamados esses homens (também no lado feminino), considerando sua vida de renúncia diária como um martírio não sangrento ou branco⁵⁴. O que os sustenta é o exemplo dos Anjos: “Viver como os Anjos é abster-se dos bens deste mundo”⁵⁵, pois “os Anjos não buscam nem desejam posses terrestres; deste modo os religiosos seguem seu exemplo quando desprezam todos os bens caídos”⁵⁶.

d) Jejum

O que segue de imediato a estas considerações é o jejum. Certamente é questionável o argumento ou a compreensão dos Anjos, quando se diz: “O jejuar é a vida dos Anjos; e quem jejuar, possui um estado igual aos Anjos.”⁵⁷ Para São Basílio, jejum e “assimilação aos Anjos” significam

⁵¹ S. JERÔNIMO, *Epistula 107*, 10.

⁵² Cf. THEODORET, *Historia Religiosa*, 6 e 14.

⁵³ Cf. *Mc 16,5* e par.; *At 1,10*; *10,30*; *Ap 15,6*; Onuphrius in *Vita Patrum*, I.

⁵⁴ Cf. FRANK, 4.

⁵⁵ S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Epist. ad Hebr., homilia 9*, 3; em COLOMBÁS, 175.

⁵⁶ S. HILDEGARDA, *Scivias*, 2, 5; em COLOMBÁS, 175.

⁵⁷ FRANK, 24; cf. COLOMBÁS, 177s.

simplesmente o mesmo.⁵⁸ E, se os Anjos chegassem a comer, então comeriam apenas pão.⁵⁹

e) Vigília

Outra característica é a vigília. Sem estender-nos demais, basta aqui indicar o argumento: como os Anjos são “Vigilantes” (*Dan 4, 10.14.20*), logo, não dormem, assim também o homem angélico tenta diminuir seu sonho ao máximo. Porém, também aparecem aqui motivos positivos: não querem tanto disciplinar o “irmão-burro” – o corpo – e fugir do prazer do descanso, nem provavelmente dar chances ao inimigo que tanto os perseguiu, especialmente no sono; antes, com a renúncia do sono, eles querem se unir ao culto e às orações dos Anjos que rezam sem cessar e desejam juntar-se a eles na defesa da glória de Deus contra os inimigos que trabalham preferivelmente no escuro da noite (cf. *Jo 3,20*); daí a vigília também ter recebido o nome de “serviço militar angelical”⁶⁰.

f) Batalha espiritual

Os monges tinham consciência de que os anjos caídos iam atrás de todos aqueles que escolhem subir a “escada celeste”⁶¹. Atacam-nos exterior e fisicamente, assim como no nível sensitivo e intelectual.⁶² Os monges crescem em virtude e na perseverança por causa desses ataques. Assim, Santo Atanásio conta sobre Santo Antão: “Uma vez olhou as maquinações demoníacas, depois disse aos demônios: ‘Se tivésseis qualquer poder em vós, então teria sido suficiente que um de vós tivesse vindo, mas como o Senhor vos fez fracos vós deveis aborrecer-me pelo vosso número. E a prova de vossa fraqueza é que vindes em forma de animais brutos.’ E de novo lhes disse com coragem: ‘Se sois capazes e recebestes poder contra mim, não demoreis em me atacar; mas se não sois capazes, por que me causais dificuldades em vão?’”⁶³

⁵⁸ S. BASÍLIO, *Homilia de ieiunio*, 2,6; em 2,2 diz: “Os Anjos da Guarda, que protegem a nossa vida, gostam de ficar mais com aqueles que se purificaram pelo jejum”.

⁵⁹ Cf. S. BASÍLIO, *Homilia de ieiunio*, 1,9.

⁶⁰ *Historia Monachorum*, 10,4; cf. COLOMBÁS, 178-182.

⁶¹ Cf. em seguida a nota 79.

⁶² Cf. *Vita Antonii*, 22 e 65.

⁶³ S. ATHANASIUS, *Vita Antonii*, 8.

Apesar de tudo, Santo Atanásio escreve, nesse contexto: “Somente a Deus se deve temer. Não se deve dar crédito aos espíritos malignos, nem dar-lhes atenção. ... Eles têm medo do jejum dos monges, de sua serenidade, de sua renúncia dos bens e honras terrestres, de sua humildade e amor aos pobres, de suas esmolas, paciência e temor do Senhor Jesus Cristo. Por isso, os monges não serão vencidos pelos espíritos maus.”⁶⁴ Santo Ambrósio acrescenta: “Não há nada estranho no fato que os Anjos lutam em vosso favor quando vós, com o vosso estilo de vida lutais como os Anjos. Aquelas que se fizeram dignas da vida angelical, como não merecem ser protegidas pelos Anjos!”⁶⁵ “Os Anjos são os modelos e os auxiliares dos monges na luta contra o poder das trevas”⁶⁶, e os dois juntos formam um “exército em ordem de batalha” (Ct 6,4).

g) Castidade

Todas as formas de ascética, inclusive a luta contra as tentações ou contra o próprio inimigo, e ainda algumas de menor importância como, por exemplo, não rir altamente e antes chorar devido aos pecados⁶⁷, contribuem para acalmar o corpo e suas moções, as paixões, e para dar liberdade à vontade espiritual e força para o autodomínio de si.

Os monges têm consciência disso, pois, segundo os testemunhos, as tentações contra a castidade não eram raras e leves. O Abade Isidoro precisava mostrar ao Abba Moses a quantidade de demônios que o tentavam contra a pureza, e depois os muito mais numerosos Santos Anjos, uma incontável multidão, que Deus enviava para ajudar os santos; Abba Moses agradeceu e continuou na sua caminhada e luta.⁶⁸ Alguns conselhos explícitos procuravam ajudar a encontrar essa perfeição tais como: “Uma mulher não deve entrar na tua cela”⁶⁹; ou: “Foge de estar juntos com mulheres, se queres viver a continência.”⁷⁰ Porém, eles também

⁶⁴ S. ATHANASIUS, *Vita Antonii*, 30, 1-3.

⁶⁵ S. AMBROSIO, *De virginibus*, 1, 8. 51; em COLOMBÁS, 144.

⁶⁶ Cf. *Historia Monachorum*, 1; em COLOMBÁS, 143.

⁶⁷ “O monge não ri!” é uma mensagem constante; essa característica se encontra também no ocidente como o décimo grau de humildade na Regra de São Bento (cf. Cap. 7). São Bento cita o Eclesiástico: “O insensato eleva a voz quando ri” (21,23).

⁶⁸ Cf. *Apophthegmata Patrum*, Moses, 1.

⁶⁹ *Apophthegmata Patrum*, Sopatros.

⁷⁰ EVAGRIUS PONTICUS, *De spiritibus malitiae*, 4.

sabem dizer: se alguém está tranquilo quando pensa numa mulher, então alcançou as fronteiras da continência.⁷¹

São João Cassiano trouxe a sabedoria dos monges do Oriente para o Ocidente. Na décima segunda colação conta: o Abbas Chairemon explica as exigências para alcançar a “castidade celestial e angelical”: a renúncia aos colóquios supérfluos, a qualquer moção de ira, preocupação e cuidado mundano; contentar-se diariamente com dois pães e um pouco de água, com três ou quatro horas de sono e a atribuição da continência alcançada não a si, mas à misericórdia de Deus.⁷² É o estado celibatário que torna possíveis todas estas formas de ascética corporal desde a separação do mundo e dos homens. E todas elas, da sua parte, também contribuem para viver tal solidão de vida da qual veio originalmente o nome de “vida angelical”. Elas contribuem para a antecipação da vida após a morte conforme a indicação de Jesus, para a vida angelical: “Na ressurreição dos mortos, os homens não tomarão mulheres, nem as mulheres, maridos, mas serão como os Anjos nos céus.”

h) Obediência

O centro de toda esta vida está na renúncia de si mesmo, do próprio querer e desejar, do agir ou disciplinar-se segundo o próprio critério. Para superar esse último amor, o amor de si mesmo, nas suas formas sublimes escondidas na humildade, só há o caminho da obediência incondicional. Ela é o caminho mais breve para a perfeição, como mostram numerosas narrações nas *Apophthegmata Patrum*. Por exemplo, chegou a Sisoes um candidato; ouvindo que ele tinha um filho em casa, pediu-lhe que o lançasse ao rio. Quando ele partiu para cumprir o que lhe fora pedido, Sisoes mandou um irmão atrás dele para chamá-lo de volta, pois tinha passado a prova de obediência. E de fato, “tornou-se um bom monge por causa de sua obediência”⁷³.

i) Silêncio

No exemplo citado, o candidato não questionou o pedido, mas, prontamente obedeceu, morto a si mesmo como manifestava o seu silêncio. É necessário ainda mencionar explicitamente o silêncio como característica

⁷¹ Cf. EVAGRIUS PONTICUS, *De spiritibus malitiae*, 6.

⁷² Cf. S. JOANNES CASSIANUS, *Collationes*, XII, 15.

⁷³ *Apophthegmata Patrum*, Sisoes, 10; cf. COLOMBÁS, 182-184.

da vida angelical. A distância dos outros homens tira ocasiões para conversas supérfluas e o “alimento” para a vanglória; mas é necessário ainda o silêncio interior para superar também a armadilha do inimigo de, pela vaidade e soberba, atribuir o sucesso espiritual a si mesmo e vangloriar-se a si mesmo da disciplina e das virtudes alcançadas como se fosse tudo alcançado apenas pelo próprio esforço.⁷⁴

Uma necessidade profunda, falando em termos modernos, uma necessidade existencial, obriga estes monges a ficarem sós. É o amor pela solidão que lhes faz repetir muitas vezes esta palavra: “Fica sentado na tua cela!”⁷⁵, pois como um peixe morreria fora da água, assim um monge fora de sua cela. E como um peixe deseja voltar à água, assim devem os monges ter anseio pela sua cela.⁷⁶

Especialmente no silêncio se percebe o outro lado da vida. O silêncio pode-se entender como símbolo da morte; mas passados alguns anos de prática surge uma nova vida, como se pode observar na natureza: depois do silêncio do inverno brota, ainda silenciosa, a nova vida da primavera. Livres das criaturas e mortos a si mesmos, estas almas purificadas pré-goçam as maravilhas invisíveis celestes. Contudo, só nos é permitido saber de poucos que chegaram ao mais alto grau de silêncio santo o que é ser mudo perante Deus: estar simplesmente ali, à Sua disposição, absorver-se n’Ele silenciosamente. Isso é a vida angélica, a união com os Anjos santos de Deus.

2. O segundo passo: assimilar o possível

Esta última atitude, o silêncio das paixões e até da mente e do coração, talvez mais do que as outras formas ascéticas, revela que a motivação da vida dos monges não é apenas negativa. Vimos sempre o olhar para os Anjos como modelo e, no final, como guia para o encontro com Deus. As renúncias levaram à purificação e à morte moral. A obediência constante, pontual e fervorosa livra do Ego, mas mais ainda assemelha aos Anjos: “Façamos a Sua vontade, a fim de que também sejamos Anjos de Deus,

⁷⁴ Apollo, um dos monges do Egito, acusa, por exemplo, os monges mais severos, em geral os da Síria, de somente carregarem ferros e cabelos longos para serem vistos, cf. *Historia Monachorum*, 8, 59.

⁷⁵ *Apophthegmata Patrum*, J. Kolobos, 27; Moses, 6; Makarios Aeg., 27; Arsenius 11; etc.

⁷⁶ Cf. *Apophthegmata Patrum*, Antonius, 10.

dos quais disse o profeta: ‘Bendizeis ao Senhor todos os seus Anjos, ministros que executais sua vontade’.⁷⁷

Chegando a este ponto, perguntamos: mas quem são os Anjos para podermos-nos assemelhar a eles? O Papa Bento XVI dá a seguinte resposta:

“Mas o que é um Anjo? A Sagrada Escritura e a tradição da Igreja deixam-nos entrever dois aspectos. Por um lado, o Anjo é uma criatura que está diante de Deus, orientada, com todo o seu ser para Deus. Os três nomes dos Arcanjos terminam com a palavra ‘El’, que significa ‘Deus’. Deus está inscrito nos seus nomes, na sua natureza. A sua verdadeira natureza é a existência em vista d’Ele e para Ele.”⁷⁸

O monge que conseguiu virar suas costas às criaturas terrestres, se esforça para se “vestir” com os hábitos celestes.

Inspirado pelo sonho do patriarca Jacó – “via uma escada, que, apoiando-se na terra, tocava com o cimo o céu; e Anjos de Deus subiam e desciam pela escada. No alto estava o Senhor” (*Gen* 28,12) – e pela promessa de Jesus aos apóstolos – “vereis o céu aberto e os Anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (*Jo* 1,51) – o caminho da subida ao céu foi descrito muitas vezes pela imagem da escada com vários degraus, correspondendo as diversas virtudes.⁷⁹ Disse Filoxeno de Mabbug: Quem começa a subir a escada de Jacó “está inscrito na Ordem dos Anjos”⁸⁰.

a) A busca constante

A vida do monge “é uma vida angélica, porque vive uma existência celeste na busca de Deus, no louvor incessante e na renúncia da terra”, conclui G. Turbessi no seu estudo sobre os monges.⁸¹ Então, com a aten-

⁷⁷ S. AGOSTINHO, *Sermo de dominica oratione*, 8; em COLOMBÁS, 182s.

⁷⁸ BENTO XVI, *Homilia*, 29 de setembro de 2007.

⁷⁹ Do oriente há a “*Scala Paradisi - Escada ao paraíso*” de S. JOÃO CLIMACUS (525-606); a *Vita Antonii*, 22; no ocidente, São Bento descreveu na sua regra os doze graus de humildade que inspiraram várias reflexões semelhantes; São João da Cruz descreveu a “escada mística do amor divino” (*Noite escura*, II, 19-20); cf. COLOMBÁS, 97-116; L. HEISER, *Die Engel im Glauben der Orthodoxie*, Paulinus, Trier 1976, 162-163; A. M. KÜMIN, *Die Jakobsleiter. Ein Itinerarium spirituale mit den heiligen Engeln*, (Manuscrito), Roma 2000; F. SHEEN, *The Priest is not his own*, (1963), San Francisco 2005, 31-56.

⁸⁰ PHILOXENUS DE MABBUG, *Homilias*, 7; em COLOMBÁS, 114.

⁸¹ G. TURBESSI, *Ascetismo e Monachismo prebenedettino*, Ed. Studium, Roma 1961, 183.

ção dirigida a Deus mesmo, o monge é marcado em primeiro lugar pelo santo temor, que é o início e fim de toda a sabedoria (cf. *Eclo* 1,11-28). Deus se alegra dele com os seus Anjos e dá-lhe uma vigia, que será um companheiro especial angélico⁸². Com esse temor o monge olha sempre para a morte como liberação para a vida e redenção, e à vida angelical, mas também ao julgamento que o fará realizar sua salvação “com temor e tremor” (*Fil* 2,12).

b) Humildade

O monge deseja essa nova vida com humildade, esperando-a como um dom não merecido. E, por isso, ensina Evagrius, “a humildade eleva o homem ao céu e o faz capaz de estar no coro dos Anjos”⁸³. Pode-se compreender facilmente que é a humildade que mantém o monge naquela posição que adquiriu diante de Deus pelo seu esforço ascético, a renúncia a si mesmo.

Pela humildade fica contente com sua pobreza, chamada por São João Crisóstomo “lugar seguro e protegido, porto sem perigo, escola e exercício de virtudes, imagem da vida dos Anjos”⁸⁴. Certas regras vão assegurar essa união com os Anjos na vida comunitária, seja de São Pacômio ou de Santo Agostinho.

c) Obediência

Sempre tendo o Salmo 102 diante dos olhos, afirma Evagrius Ponticus sobre a obediência, praticada diante do pai espiritual ou do superior da comunidade: “Aqueles que estão desprendidos do mundo e são perfeitos na obediência aos mandamentos não são separados da comunhão com os santos Anjos”⁸⁵. A obediência é para Santo Agostinho “a mãe e custódia de todas as virtudes – obedientia mater est quodam modo omnium custosque

⁸² Cf. AMMONAS, *Epistula*, 2,1.

⁸³ EVAGRIUS PONTICUS, *De spiritibus malitiae*,18; cf. *Apophthegmata Patrum*, J. Kolobos, 38; “A virtude principal do monge é sem dúvida a humildade” (K. HEUSSI, *Der Ursprung des Mönchtums*, Tübingen 1936, 233).

⁸⁴ S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matth. Hom.*, 90,3.

⁸⁵ EVAGRIUS PONTICUS, *Cent.*, IV, 74.

virtutum”⁸⁶. Quem se retira da obediência, põe-se em perigo de cair nas mãos do diabo, e perdeu uma arma importante contra o demônio.⁸⁷

d) Virgindade

Confirmado assim no estado escolhido, a virgindade permanente torna o monge um Anjo - “castitas enim angelos facit”⁸⁸, pois “a vida dos monges e das virgens é angélica”⁸⁹. Quase todas as fontes confirmam esta identificação: a virgindade é “imagem da santidade angelical”⁹⁰ e “a vida dos Anjos”⁹¹. Por isso resta só o que São Jerônimo escreveu: “Volo vos esse quod angeli sunt – quero que sejais o que os Anjos são.”⁹²

3. A Chegada

a) A acolhida no “ordo angelicus”

Quem pretende seguir este caminho, se aproxima de um monge (ou mais tarde de uma comunidade) e será instruído nessa vida. Primeiro será examinado e submetido a testes. Os candidatos que os passam serão considerados “dignos de caminhar na presença dos Anjos e de ser acolhidos no coro dos monges”⁹³, que o Sínodo de Fréjus chamou “ordo angelicus”⁹⁴.

Durante um antigo rito grego de investidura ao monge pergunta-se: “Queres receber a veste dos Anjos (“vestis angelica”) e ser acolhido na comunidade dos Anjos?” E vestindo-se o monge reza-se: “Nosso irmão recebe o vestido com penhor do grande manto dos Anjos para viver santo

⁸⁶ S. AGOSTINHO, *De civitate Dei*, XIV, 12.

⁸⁷ Cf. *Apophthegmata Patrum*, Hyperechios, 8.

⁸⁸ S. JERÔNIMO, *De virginitate*, 1, 8.52.

⁸⁹ THEODORUS, *Ep. Amonis*, 23.

⁹⁰ S. ATANÁSIO, *Apologia ad Constantium*, 33; em COLOMBÁS, 155.

⁹¹ S. JERÔNIMO, *Epistula 130*, 10; em COLOMBÁS, 155; cf. *ibid.*, 153-165.

⁹² S. JERÔNIMO, *De perpetua virginitate*, 21; Santo Agostinho incluiu na compreensão do conceito *Vita angelica* além da continência, a renúncia do mundo e de si mesmo, a piedade e o cumprimento da vontade de Deus (cf. FRANK, 30, nota 85).

⁹³ Rito de investidura, *Euchologion* 148; em HEISER, 158.

⁹⁴ Sínodo de Fréjus, ano 851, can. 12, em A. SCHNEIDER, *Das Leben mit den heiligen Engeln*, Roma 1994, 41 s.

e imaculadamente.⁹⁵ Nessa ocasião, Igumenos disse: “Alegra-te na alegria e sê feliz na felicidade, porque o Senhor, nosso Deus, te escolheu e separou hoje do modo de viver do mundo e te colocou, em certo sentido, diante de Sua face inserindo-te na ordem dos monges, no exército da vida angélica ..., para que O sirvas de modo igual aos Anjos⁹⁶”.

Esta veste exprime para o monge o seu ideal e a sua comunhão com os Anjos. Se for necessária uma admoestação, basta lembrar: “Trazes a veste dos Anjos. Isto diz tudo!”⁹⁷ ou: “Preservai vossas promessas angélicas intatas e caminhai no céu!”⁹⁸

Tal passo é mais exterior que interior, mas marca o caminho pois simboliza a morte, a passagem da vida terrestre e do pecado à vida celeste e à comunhão com os santos Anjos. Estes habitantes do céu que na sua prova optaram definitiva e irrevogavelmente por Deus,⁹⁹ que circundam o seu trono em adoração e amorosa contemplação, são os modelos santos aos quais o monge quer se associar definitivamente também com este passo. Se estabelece com tal ato aquela “forma estável de viver” que permite falar da antecipação da vida celeste e assim do caráter escatológico da vida consagrada e desta como “vida angelical”. Agora se verá como “os conceitos monge e oração estão ... inseparavelmente unidos.”¹⁰⁰

Longe de pensar apenas nos monges no deserto da Igreja primitiva, os Padres do Concílio Vaticano II explicaram a vida consagrada com termos não menos rígidos, decididos, definitivos e claros:

Os membros de *toda e qualquer Instituto* lembrem-se principalmente que responderam à vocação divina pela profissão dos conselhos evangélicos, não só para *morrerem para o pecado* (cf. Rm 6, 11), mas também *para, renunciando ao mundo, viverem exclusivamente para Deus. Toda a vida puseram ao seu serviço*, o que constitui uma *consagração especial*, que se radica intimamente na consagração do batismo e a exprime *mais perfeitamente*. ... *Deixando tudo por amor de Cristo* (cf. Mc 10, 28), sigam-no

⁹⁵ SCHNEIDER, *ibid.*

⁹⁶ HEISER, 158s.

⁹⁷ SCHNEIDER, 42.

⁹⁸ THEODORUS DE STUDION, em SCHNEIDER, 42.

⁹⁹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 311, 326, 329-336 e 392.

¹⁰⁰ FRANK, 75; cf. S. JOANNES CASSIANUS, *Collationes*, IX, 2 e X, 7.

(cf. Mt 19, 21) como *única coisa necessária* (cf. Lc 10, 42), ... *buscando acima de tudo e unicamente a Deus*.¹⁰¹

Certamente, tal profissão é feita num momento mas continua a ser realizada diariamente. Como afirma Suso Frank: “Quem busca a vida angelical, busca-a cada dia e mostra por esta mesma busca que vive como os Anjos.”¹⁰² A sua intenção é permanente, assim a estabilidade do monge firmada pela investidura, hoje chamada “profissão perpétua”, se encontra e une com a imutabilidade da decisão dos Anjos na sua prova. “Deus na terra, o homem no céu: Os Anjos se associam aos coros dos homens e os homens se associam aos Anjos e às demais potências celestes”¹⁰³, comenta São João Crisóstomo.

b) Chegada à última meta

A associação mútua de homem e Anjo leva a características da vida dos monges que são de fato angélicas, características que não se compreendem do ponto de vista terrestre, mas só na união com os Anjos do céu.

- Os caminhos para essa morte espiritual têm vários aspectos. O principal aspecto “terreno” é o silêncio, a separação e a solidão. É capaz de ser monge, “monachos”, aquele que está só. O espaço, físico e espiritual, criado dessa maneira, oferece aquela liberdade que o permite colocar-se ao lado dos Anjos e, como eles, encontrar sua última realização na orientação a Deus. Agora ele pode olhar ao seu Deus como os Anjos contemplam a face do Pai do céu sem cessar (cf. Mt 18,10). Sem isso, todo o esforço anterior ficaria vazio e sem sentido; agora, porém, o vazio será preenchido pelo infinito e bom Deus Pai. Na presença de Deus, o monge principalmente se cala.
- Ele estende seus braços orantes e todo o seu ser, segundo o exemplo de Cristo, seu Mestre, no caminho para o encontro com o Pai, quer dizer, na Cruz. E como Ele, seja em Getsêmani (cf. Mt 26,44), seja no Gólgota (cf. Mt 27,45-46), dá, de vez em quando, voz ao seu coração ou às suas intenções com poucas palavras como que “gravetos que

¹⁰¹ CONCÍLIO VATICANO II, *Perfectae Caritatis - Sobre a conveniente renovação da vida religiosa*, 5. O itálico é nosso.

¹⁰² FRANK, 39.

¹⁰³ S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matth. Hom.* 1,2.

alimentam o fogo do amor¹⁰⁴. Neste sentido, os monges assumiram a oração dos santos Anjos, o triplo “*Sanctus*” ou *Trishagion*.¹⁰⁵ Disse o Bispo Filoxeno de Mabbug numa homilia: “Deus te chamou a cantar com os Serafins o três vezes Santo!”¹⁰⁶ Comentou São Gregório de Nissa: “Quando o homem chega à sua meta, se forma uma santa assembléia de Anjo e homem, quer dizer, uma perene ação de graças pela graça de Deus.”¹⁰⁷

- O perturbador pode ainda tentar se aproximar, mas – como antes e sempre – só na medida que Deus o permite¹⁰⁸, pois a visita de um Anjo durante a oração põe os demônios em fuga.¹⁰⁹
- A experiência, porém, mostra a necessidade de mudança entre contemplação e oração. Inspirados pela tradição antiga e pelo Salmista que diz: “Sete vezes ao dia publico vossos louvores” (*Sl* 118,164), os monges se apoiavam na palavra de Deus, meditando e recitando os Salmos, lendo-os ou recitando-os de memória¹¹⁰. “O salmo é uma obra dos Anjos, que significa um caminhar no céu e incenso espiritual.”¹¹¹ Sempre “com os Anjos, pois já é igual aos Anjos”¹¹², eles meditam “sua lei dia e noite” (*Sl* 1,2) e sabem: “Na presença dos Anjos eu vos cantarei. Ante vosso santo templo prostrar-me-ei, e louvarei o vosso nome.”¹¹³

Aqueles que viviam sozinhos seguiam o seu ritmo. De Theodorus se diz: “Estando sentado na sua cela, virou as cordas e meditou partes

¹⁰⁴ “A oração mental é silêncio, este ‘símbolo do mundo que vem’ ou ‘amor silencioso’. As palavras na oração não são discursos, mas gravetos que alimentam o fogo do amor. É neste silêncio, insuportável ao homem ‘exterior’, que o Pai nos diz seu Verbo encarnado, sofredor, morto e ressuscitado, que o Espírito filial nos faz participar na oração de Jesus” (*Catecismo da Igreja Católica*, 2717).

¹⁰⁵ Cf. *Apophthegmata Patrum*, Antonius, 24; também a *Passio Perpetuae et Felicitatis*, 12, 1; cf. FRANK, 82s.; SCHNEIDER, 22-24.

¹⁰⁶ PHILOXENOS DE MABBUG, *Homilias*, 10; em SCHNEIDER, 24.

¹⁰⁷ S. GREGÓRIO DE NISSA, *Comentário nos Salmos*, 1, 9; em SCHNEIDER, 17.

¹⁰⁸ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 392; *Jó* 1-2.

¹⁰⁹ Cf. EVAGRIUS PONTICUS, *De oratione*, 30; em COLOMBÁS, 145.

¹¹⁰ Santo Atanásio disse de Santo Antão que a memória substituiu os livros pois entendeu a leitura com tanta atenção que gravou tudo (cf. S. ATANÁSIO, *Vita Antonii*, 3).

¹¹¹ S. BASÍLIO, *Homilia sobre os Salmos*, 1, 2; em SCHNEIDER, 18.

¹¹² CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromates*, VII, 78,6; em SCHNEIDER, 20s.

¹¹³ *Sl* 137,1-2; cf. S. BENTO, *Regra*, cap. 19.

da Sagrada Escritura que decorou; cada vez que o seu coração pediu, levantou-se e rezou.”¹¹⁴ Na maioria destes monges se formou um ritmo com oração, meditação e trabalho manual.

Nas comunidades a recitação dos Salmos foi organizada de tal maneira que, havendo suficiente número de monges, o louvor se estendia durante o dia todo.¹¹⁵

O ambiente permitia o recolhimento, a união com os santos Anjos e, deste modo, se podia guardar o dia todo a atenção a Deus num “*laus perenne*”. Mas a meditação pessoal e a recitação dos Salmos eram apenas passos à oração propriamente dita. E essa culminava na visão de Deus, semelhante à dos Anjos, e na própria visão dos Anjos.¹¹⁶ O monge quer tornar-se inteiramente olho como os Querubim e Seraphim.¹¹⁷ De alguns foi dito que foram absorvidos na oração. Arsenius foi até visto na sua cela “inteiramente como fogo”¹¹⁸, assim como são descritos algumas vezes os Anjos, isto é, como “*tochas de fogo*”¹¹⁹. De tais experiências vem a afirmação de Evagrius Ponticus: O homem se torna igual aos Anjos através da verdadeira oração.¹²⁰

c) O paraíso perdido e reconquistado

Para o nosso fim não é tão importante estender-nos sobre a idéia do paraíso perdido como mais uma característica da união de vida consagrada e vida angélica. Segundo esta idéia, pela superação do pecado e unindo-se com os santos Anjos se reconquistaria o paraíso perdido. Os monges do deserto têm claramente presente que o seu caminho tem esta meta.

¹¹⁴ Cf. FRANK, 77.

¹¹⁵ Cf. FRANK, 79-86 e SCHNEIDER, 16-19.

¹¹⁶ Na *Historia Monacharum* (11,7) é mencionado um monge que viu muitas vezes Deus e as multidões de Anjos que O serviam; além desses, também os Justos, o círculo dos Mártires, a comunidade monacal celeste e todos os Santos que louvam e bendizem a Deus (cf. FRANK, 83).

¹¹⁷ Cf. *Apophthegmata Patrum*, Bessarion, 11.

¹¹⁸ *Apophthegmata Patrum*, Arsenios, 27; cf. *ibid.*, Silvanos, 3 ou Isaias, 4; S. Joannes Cassianus diz, com Evagrius Ponticus, que a oração não seria perfeita, quando ainda se sabe o que se rezou (cf. Coll IX, 31).

¹¹⁹ *Ap* 4,5; cf. *Sl* 103,4; *Heb* 1,7.

¹²⁰ Cf. EVAGRIUS PONTICUS, *De oratione*, 113.

Eles entenderam que antes do pecado, no paraíso, os homens viveram numa profunda e aberta familiaridade com Deus e com os Anjos. Então, a vida no deserto deveria ter em vista a restauração desse estado de inocência feliz. Tudo o que ajude a afastar-se do mundo pecaminoso conduzirá ao novo paraíso e à comunhão com os Anjos, trará consigo a transformação da natureza ansiosa (cf. *Rom* 8,19-23) e a pacificação prometida pelo profeta Isaías.¹²¹

Cristo, o novo Adão, começou seu caminho público entrando no deserto. Ele enfrentou e venceu a serpente, o diabo, e, no fim, foi servido pelos santos Anjos. Assim reinstalou a união entre Anjos e homens (cf. *Mc* 1,13). Diz São Jerônimo: “A cruz de Cristo nos abriu o Paraíso”¹²², essa mesma cruz erigida no lugar onde o corpo de Adão foi sepultado, como Orígenes ouviu contar¹²³. Daí floresce a “árvore da vida, que se acha no paraíso de Deus” (*Ap* 2,7) e que dará fruto constantemente (cf. *Ez* 47,8-12 e *Ap* 22,2.14). Quanto mais o monge avança no seu caminho espiritual, tanto mais se aproximará àquela familiaridade com os Anjos que marcou a vida antes do pecado e que caracterizava a Cidade celeste da nova Jerusalém.¹²⁴ Ele pertencerá “aos sobreviventes da grande tribulação; que lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro”, que estão “diante do trono de Deus e O servem, dia e noite, no seu templo. Aquele que está sentado no trono os abrigará em sua tenda. Já não terão fome, nem sede, nem o sol ou calor algum os abrasará, porque o Cordeiro, que está no meio do trono, será o seu pastor e os levará às fontes das águas vivas; e Deus enxugará toda lágrima de seus olhos” (*Ap* 7,14-16).

¹²¹ Cf. *Is* 11,6-9; Suso Frank apresenta uma lista de casos em que animais selvagens obedecem ou servem aos monges, inclusive no Ocidente, com S. Martinho de Tours (cf. 111-113).

¹²² S. JERÔNIMO, *Homilia em Lucas 16, 19-31*.

¹²³ Cf. COLOMBÁS, 59.

¹²⁴ Colombás dedica todo o seu estudo a este aspeto. Trata na primeira parte do Paraíso como “Jardim de Deus” e “a vida dos Anjos nele”; depois da “discórdia entre os Anjos e os homens” tenta descrever “O paraíso de Cristo”, a “busca do paraíso perdido”, a “chave do paraíso” e “o paraíso reconquistado” com a “restauração da vida angelical” e “a única cidade de Deus”. Depois desenvolve o caminho para ela em três passos: a conquista, os aspectos e a perfeição da vida angelical.

4. A descida dos Anjos à terra – Vida Angélica e Vida Consagrada

Pelo que vimos até agora, os santos Anjos não estão somente absorvidos em Deus. Eles vêm para afastar os inimigos dos homens, encorajam aqueles que vacilam, unem-se aos monges na terra no seu louvor a Deus e se manifestam a eles não poucas vezes. Será então correto que os monges se afastem tão rigidamente dos outros homens e das outras criaturas em absoluta solidão? Será que cada contato com outros homens significa o abandono de Deus?

a) A essência da união com Deus

Perguntemos à Rainha dos Anjos, a Imaculada, a Intacta e nunca afastada do paraíso original. Procuremos aquela “que refulge diante de toda a comunidade dos eleitos como modelo de virtudes”¹²⁵. Ela se consagrou a Deus exclusivamente como virgem. Porém, explica São Tomás de Aquino, enquanto Cristo não tinha nascido, existia entre os Judeus um dever de gerar; por isso não se deve crer que a Mãe de Deus tenha feito um voto absoluto de virgindade antes de se esposar com São José. Ela submeteu sua própria vontade, por último, ao julgamento de Deus.¹²⁶

Não é então difícil entender que os santos Anjos, mesmo que por motivos diferentes, também tenham submetido a sua vontade e o seu amor preferencial, o gozo de sua visão da perfeição e infinita beleza de Deus, incondicionalmente à vontade de Deus. Qualquer coisa que Ele lhes pedisse, o fariam com a mesma felicidade e alegria como quando se alegram da contemplação de sua essência. Uma reflexão mais radical revela que dessa ou doutra forma, sempre estariam unidos com o próprio Deus, sendo esta a causa verdadeira da sua felicidade.

Isso já explica a questão: mesmo quando Deus envia um Anjo entre as criaturas, este não se afasta de Deus, continua entusiasmado e cativado pela Bondade e Glória do seu Deus porque continua unido com Sua vontade. A vida cotidiana ensina esta lei fundamental do amor e, conseqüentemente, da alegria, pois não importa o que o amante quer dar e dá, mas o que o Amado quer ou precisa.

¹²⁵ CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen gentium*, 65.

¹²⁶ Cf. S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. III, q. 28, a. 4.

b) A lei do amor para os Anjos

Pode observar-se essa lei também na vida dos monges quando se lê e ouve sobre vindas dos Anjos a eles. S. João Crisóstomo raciocina: se os Anjos visitaram Abraão que tinha esposa e filho, quanto mais eles descem aos monges, onde encontram uma virtude mais excelente, a continência!¹²⁷

De fato, os Anjos foram vistos com Abbas Moses e com João Kolobos¹²⁸; de São Martinho de Tours, no Ocidente, se diz que tinha comunhão diária com os Anjos.¹²⁹

Ouvimos já que Arsênio atribuiu a sua vocação à vida consagrada à voz de um Anjo.

São Basílio disse numa homilia sobre os Salmos: “O Salmo torna presente a proteção dos santos Anjos”¹³⁰, de modo que na oração o homem e o Anjo estão juntos.¹³¹

A São Efraim “desceu um conjunto de Anjos do céu” para lhe dar um *papyrus* com revelações especiais¹³², como a São João apóstolo (cf. *Ap* 1,1). “Os Anjos educam e dirigem ao bem”, afirma Evagrius Ponticus.¹³³ A muitos levam comida¹³⁴ e até a Eucaristia¹³⁵.

Outros são consolados por Anjos,¹³⁶ protegidos e defendidos,¹³⁷ e assistidos na hora da morte.¹³⁸

¹²⁷ Cf. S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matth. Hom.* 69, 3.

¹²⁸ Cf. *Apophthegmata Patrum*, Arsenios, 38; Kolobos 33.

¹²⁹ Cf. S. Sulpicius Severus, *Dial.* 1, 25; o mesmo se sabe de Pafnutius (cf. S. Joannes Cassianus, *Collationes* III, 1).

¹³⁰ S. Basílio, *Homilia sobre os Salmos*, 1, 2; em Schneider, 18.

¹³¹ Cf. S. Gregório de Nissa, *Comentário nos Salmos*, 1, 9; em Schneider, 17.

¹³² Cf. *Apophthegmata Patrum*, Ephraim, 2; *Historia Monachorum*, Sourus, 11,6; Frank, 117-119.

¹³³ Evagrius Ponticus, *Antirrheticus praefatio*, Frank, 103 e 88.

¹³⁴ Cf. *Historia Monachorum*, 2,9; 11,5 cf. Frank, 103 e 113-115.

¹³⁵ Cf. *Vita Onuphrii*. Acc. Apollo, “se possível, monges deveriam comungar diariamente nos mistérios de Cristo, pois quem se separa dos mistérios, se separa de Deus” (*Historia Monachorum*, Apollo, 56).

¹³⁶ Cf. S. Joannes Cassianus, *Collationes*, X, 10

¹³⁷ Cf. *Vita Antonii*, 65; Sulpicius Severus, *Vita Martini*, 19.

¹³⁸ Cf. e.g. *Apophthegmata Patrum*, Sisoës, 14; cf. Frank, 104-106.

Em todos estes casos, os Anjos se encontram em missão para ajudar os homens no seu caminho para Deus (cf. *Ex* 23,20; *Sl* 91,11-13). Mas encontramos também casos, onde os Anjos dirigem a atenção dos homens às criaturas. Conhecemos duas manifestações angélicas de significado especial, uma a Santo Antão, outra a São Pacômio. Na primeira, o Anjo conduz o homem às suas condições naturais; na segunda, o Anjo dirige o homem ao cuidado dos seus irmãos. É como se o Anjo estivesse ensinando o mandamento do amor: ama-te a ti mesmo e ama o próximo como a ti mesmo. Dessa maneira os Anjos provam sua submissão a Cristo e a sua Igreja, como se vê várias vezes nos Atos dos Apóstolos!

A primeira manifestação nos é contada nos *Apophthegmata dos Padres*. É uma instrução angélica a Santo Antão. O Santo encontrava-se bombardeado por muitos pensamentos pecaminosos. Dirigindo-se ao Senhor pediu: “Eu quero ser salvo, mas estes pensamentos não me dão paz, que devo fazer? Como posso ser salvo?” Pouco depois, saindo da sua cela viu um homem, trabalhando sentado, em seguida se levantando para rezar, depois sentando-se de novo para trabalhar, depois levantando-se de novo para rezar. Era um Anjo do Senhor, enviado para corrigi-lo e confirmá-lo. O Santo ouviu o Anjo dizer-lhe: “Faze isto e serás salvo!” Com estas palavras, Antão ficou cheio de alegria e coragem. Fez o que lhe fora indicado e foi salvo.¹³⁹

Esta ilustração queria dizer: “Ora et labora – Reza e trabalha”, lema conhecido como sendo de São Bento, mas que não se encontra na sua Regra. É uma orientação angélica tão básica e correspondente à natureza do homem espiritual e físico que se tornou um “depósito” da humanidade. É uma lição angélica que dirige em primeiro lugar o homem a si mesmo, à sua natureza que Deus lhe deu e à qual deve corresponder. Deus não mudou a natureza do homem, quando o convidou a “elevar-se” à comunhão com os santos Anjos, mas deu-lhe novas forças.

Uma segunda intervenção angélica que fez história aconteceu na vida de São Pacômio. Parece que Pacômio era muito familiar com os Anjos. Mas desta vez foi uma manifestação diferente, pois mudou toda a sua vida e também a de muitos. Um Anjo disse-lhe: “Pacômio, fica aqui e funda um mosteiro, pois virão muitos a ti que querem encontrar a salvação. Orienta-os segundo a prescrição que te darei.”¹⁴⁰ Estas palavras deram

¹³⁹ Cf. *Apophthegmata Patrum*, Antonius, 1.

¹⁴⁰ *Vita Pachomii*, II, 21.

início à vida consagrada em comunidade, assim como a conhecemos hoje. Isto nos pode surpreender depois que vimos a importância quase absoluta do silêncio e da solidão. De novo, é uma intervenção angélica que marcará a história! Deus manda um Anjo para orientar o homem, e o Anjo envia o homem, em nome de Deus, aos seus irmãos.

A prescrição que o Anjo mencionou tornou-se conhecida na história como “Regra angélica”. Nela São Pacômio recebeu a orientação para regular a vida comunitária dos monges, a separação do mundo, as suas viagens e como tratar visitas. A regra impôs uniformidade na vida, na maneira de vestir e alimentar, mesmo quando um monge está fora da Comunidade.

Nesta forma de vida comunitária, tão diferente da vida dos eremitas, encontramos o terceiro conselho evangélico: a obediência radical. Os eremitas também viviam a obediência ao seu diretor espiritual que visitavam com certa frequência. Porém, agora a obediência torna-se uma questão diária, constante e em todos os detalhes da vida. É uma oportunidade de doar-se real e totalmente. Anotamos ainda que a vida comunitária segundo a regra angélica é mais moderada que o modelo composto depois por São Basílio para a sua comunidade,¹⁴¹ uma diferença que vale a pena ser observada, pois revela quão pouco conhecemos os Anjos e até os pensamentos de Deus.

Nessa linha devemos ver a eleição de vários monges não apenas para o sacerdócio, mas para o episcopado. Até o Papa Gregório Magno foi chamado do mosteiro para dedicar-se a amor ao próximo em tal ofício.

Isso nos lembra a segunda parte da resposta do Papa Bento XVI à pergunta:

“Mas o que é um Anjo? ... A sua verdadeira natureza é a existência em vista d’Ele e para Ele. Explica-se precisamente assim também o segundo aspecto que caracteriza os Anjos: eles são mensageiros de Deus. Trazem Deus aos homens, abrem o céu e assim abrem a terra. Exactamente porque estão junto de Deus, podem estar também muito próximos do homem. De facto, Deus é mais íntimo a cada um de nós de quanto o somos nós próprios. Os Anjos falam ao homem do que constitui o seu verdadeiro ser, do que na sua vida com muita frequência está velado e sepultado.”¹⁴²

¹⁴¹ Cf. FRANK, 22s.

¹⁴² BENTO XVI, *Homilia*, 29 de setembro de 2007.

As orientações dadas pelos Anjos lembram também a escada de Jacó e a promessa de Jesus: os Anjos sobem, mas também descem. Será que, com isso, os monges devem corrigir a compreensão de sua idéia da “vida angelical”? Será todo o seu esforço ascético supérfluo e sem valor? É verdade que Jesus escolhe quem quer: “Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi e vos constituí para que vades e produzais fruto!” (*Jo* 15,16). Mas normalmente Deus leva em consideração a livre cooperação do homem e até a exige, e essa consiste principalmente na renúncia de si mesmo e na capacidade de tomar a sua cruz e não fugir dela (cf. *Mt* 16,24). Isto foi válido para os monges do tempo inicial da Igreja e vale para toda a história. Jesus mesmo viveu isto quando saiu da oração silenciosa em lugares afastados para o encontro com os homens, para depois se retirar de novo; e por isso, tal exemplo vale também para toda a história. Daí a Igreja exigir também hoje dos candidatos à vida consagrada um primeiro tempo de formação, o noviciado. O mesmo se pode dizer de um “candidato à canonização”, a Igreja procura em primeiro lugar as virtudes heróicas. Estas podem ser diferentes nas diversas épocas da história, mas na essência são sempre iguais: o homem deve morrer a si mesmo para poder ressuscitar para a nova vida em Deus.

IV. A Vida Consagrada angélica na história

Consideramos até aqui o tempo do início da Igreja onde se falou mais explicitamente da vida consagrada como vida angelical.

Uma vez que essa compreensão se inspirou nas próprias palavras de Jesus deixadas no Evangelho, o seu valor deveria perdurar sobre todo o tempo. Se a visão dos monges foi correta, deveríamos poder observar o mesmo caráter angelical da vida consagrada também no resto da história da Igreja.

É o que faremos em seguida: primeiro verificaremos se se encontram, na história da vida consagrada, as mesmas características da vida consagrada como vida angelical; e depois, lendo os sinais dos tempos, procuraremos ver também a vida do leigo cristão a esta mesma luz.

1. A confirmação histórica da Vida Consagrada como Vida An-gélica

a) O caminho ascendente das almas consagradas

Indicávamos brevemente que, com o tempo, a vida espiritual recebeu uma estrutura segundo as três obras que o Anjo Rafael recomendara: “oração acompanhada de jejum, e a esmola” (*Tob* 12,8). A estes três conselhos pode-se chamar a espiritualidade básica angélica para todos os fiéis cristãos; aperfeiçoada depois pelos conselhos evangélicos de obediência, castidade e pobreza. Olhando ao seu objeto pode-se reconhecer o campo ascético dos monges primitivos: pela pobreza se renuncia ao mundo e à posse dos bens; pela castidade se renuncia à formação de uma própria família e se distancia também, de forma mais geral, das familiaridades humanas, de modo que – observando esses dois conselhos, a alma consagrada já se encontra num certo deserto. Em terceiro lugar, ela faz a sua renúncia completa pela doação de sua própria liberdade no voto da obediência a um superior; dirigindo-se em tudo a um superior como sinal da adesão total a Deus. Além deste fundamento, juntam-se as regras da vida comunitária, segundo o modelo da Regra angélica de São Pacômio, que a Igreja mesma examina e aprova conforme o Evangelho.

Até a reforma promovida pelo Concílio Vaticano II, a vida e os costumes na vida religiosa podiam ser muito rígidos, de modo que em muitas áreas essa vida não era muito diferente daquilo que consideramos no tempo dos monges no deserto.

b) A vinda dos Anjos às almas consagradas

O que parece mais importante ainda é que, desde o tempo dos padres no deserto até o nosso tempo, pode-se constatar uma viva comunicação entre os Anjos e as almas consagradas! Ilustramos apenas alguns exemplos.

Como caso especial se deve considerar Santa Maria Margarida Alacoque, religiosa da Ordem da Visitação, a grande devota e mensageira do Sagrado Coração de Jesus. Na sua *Autobiografia* relata que os Serafins

convidaram-me a unir-me a eles... Disseram-me que tinham vindo a fim de se associarem a mim, para Lhe prestarmos contínuo preito de amor, de adoração e de louvor. Para isso fariam as minhas vezes diante do Santíssimo. Por meio deles eu O amaria sem interrupção. Do mesmo modo,

participariam do meu amor, sofrendo em minha pessoa, como eu gozaria na deles¹⁴³.

E a seguinte frase da Secretária da Divina Misericórdia, Santa Faustina Kowalska, da Congregação de Nossa Senhora da Misericórdia, é como se fosse dita por um monge do deserto: “Das criaturas nada espero e convivo com elas na medida em que a necessidade o exige... A minha convivência é com os Anjos.”¹⁴⁴ Santa Faustina gozou da companhia angélica após ter renunciado ao recurso às criaturas terrestres.

Neste sentido, foram os Anjos que chamaram certos monges ao caminho estreito do deserto. Assim o Padre Jesuíta, São Pedro Canísio, confessa ter recebido “um Anjo especial..., que me deveria acompanhar e proteger neste santo estado de vida, como corresponde a um professo desta Ordem”¹⁴⁵.

Os Anjos ajudaram os monges na oração e na liturgia. Isso explica o que Santa Faustina entendeu: “Amar-vos é tarefa da nossa existência, cantando o nosso hino eterno – Santo, Santo”¹⁴⁶.

Os Anjos deram instruções como a da Regra de São Pacômio. Os Anjos falaram muitas vezes a Santa Brígida, fundadora de uma Ordem, revelaram-lhe coisas celestes em nome de Deus e um Anjo ditou-lhe as leituras para a liturgia de sua comunidade (por exemplo, o “Sermo Angelicus” sobre Nossa Senhora).¹⁴⁷ O Anjo da Guarda de Santa carmelita Mirijam de Jesus Crucificado ensinou à comunidade religiosa a “fidelidade à regra, a obediência, o silêncio e o bom uso do tempo”¹⁴⁸.

Por outro lado, os Monges desejavam acompanhar os Anjos “vigilantes” na oração contínua, daí o costume das vigílias. Além das “matinas noturnas”, muitos Santos como S. Domingos ou S. Norberto rezaram

¹⁴³ S. MARGARIDA MARIA ALACOQUE, *Autobiografia*, ed. Loyola, São Paulo 1985, n. 101. Sobre a idéia de que os Anjos gostariam de sofrer veja S. FAUSTINA KOWALSKA, *Diário. A Misericórdia Divina na minha alma*, Curitiba, PA³⁷2010, n. 1804: “Os anjos, se pudessem invejar, nos invejariam por duas coisas: a primeira é a recepção da Santa Comunhão; a segunda é o sofrimento.”

¹⁴⁴ S. FAUSTINA, *Diário*, n. 1200; cf. para uma compreensão mais explícita e extensa T. KIENINGER, *Os Anjos no Diário de Santa Faustina*, Curitiba, PA, 2012.

¹⁴⁵ S. PEDRO CANÍSIO, *Testamento*, n. 3.

¹⁴⁶ S. FAUSTINA, *Diário*, n. 1742, cf. 80, 1111, 1805.

¹⁴⁷ Cf. F. HOLBÖCK, *Vereint mit den Engeln und Heiligen. Heilige, die besondere Beziehungen zu den Engeln hatten*, Christiana-Verlag, Stein am Rhein 1984, 286-290.

¹⁴⁸ Cf. HOLBÖCK, 376-382, 380.

prolongadamente durante as horas noturnas chegando assim a grande familiaridade com Deus.¹⁴⁹

Os Anjos apoiaram monges na oração, de modo que eles podiam ser vistos como “em fogo”. Isto deve ser talvez a melhor explicação daquilo que aconteceu a São Francisco na sua estigmatização feita por um Serafim¹⁵⁰ ou à reformadora do Carmelo, Santa Teresa de Ávila, na transverberação do seu coração feita por um Querubim,¹⁵¹ ou ao padre Capuchino São Pio di Pietrelcina na sua estigmatização.

Os Anjos levaram comida aos monges e até a S. Eucaristia. Várias vezes se conta isso na história: entre os Religiosos temos o exemplo de São Stanislaus¹⁵² e de Santa Faustina Kowalska, que recebeu a Santa Comunhão dada por um Serafim durante treze dias.¹⁵³

Os Anjos ajudaram os monges no cumprimento das obras de misericórdia. Assim, São João de Deus foi assistido por um homem que se identificou desta maneira: “Sou o arcanjo Rafael ...” e juntou: “Irmão, nós pertencemos a exatamente à mesma Ordem... Deus me mandou para te ajudar na tua obra de caridade.”¹⁵⁴

Os Anjos instruíram os monges nos mistérios de Deus. Assim, o dominicano Tauler pediu, por anos, que alguém o instruisse sobre a verdadeira vida espiritual; um dia foi chamado a certa igreja e aí recebeu uma resposta dada por um Anjo que lhe apareceu como sendo um mendigo.¹⁵⁵

Os Anjos vieram em socorro das almas consagradas e defenderam-nas contra os anjos caídos. Santa Faustina pôde mostrar como, pela invocação do Anjo da Guarda, “imediatamente, desapareceram os espíritos maus, e o fiel Anjo da Guarda acompanhou-me de maneira visível até a casa”¹⁵⁶.

¹⁴⁹ “A adoração assídua e prolongada de Cristo presente na Eucaristia permite, de algum modo, reviver a experiência de Pedro na Transfiguração: «É bom estarmos aqui!»” (S. JOÃO PAULO II, *Vida Consagrada*, 95).

¹⁵⁰ Cf. HOLBÖCK, 247-252, 248.

¹⁵¹ S. TERESA DE ÁVILA, *Vida*, c. 29.

¹⁵² Cf. HOLBÖCK, 333-336, 335.

¹⁵³ Cf. S. FAUSTINA, *Diário*, n. 1676-1677.

¹⁵⁴ Cf. HOLBÖCK, 329-331, 330.

¹⁵⁵ S. AFONSO DI LIGÓRIO, *Sobre a conformidade à Vontade de Deus*, cap. 3.

¹⁵⁶ S. FAUSTINA, *Diário*, n. 419; cf. n. 706; vale a pena mencionar que com o maior conhecimento da vida dos Santos cresceu também a experiência e o conhecimento do inimigo e as possíveis defesas contra ele (cf. H. Boudon (1624-1702), *Die Andacht zu den neun Chören der heiligen Engeln*, Wien 1945, 85-140: “Der Schutz der heiligen Engel

Os Anjos assistiram aos monges na hora da morte. Junto com seu Anjo da Guarda, Santa Faustina assistiu vários moribundos.¹⁵⁷

Estes exemplos mostram que a vida consagrada, em toda a história da Igreja, tentou corresponder ao mesmo chamamento dos primeiros monges e, como eles, recebeu a ajuda dos santos Anjos. Hoje podemos conhecer os Santos muito melhor. Por isso, seus testemunhos nos podem orientar mais ainda do que antigamente. Neste sentido é interessante escutar, por exemplo, Santa Faustina. Ela se atreveu não só a dizer que “como um Serafim, amo a Deus”¹⁵⁸, mas também que, com o seu amor, passa “por todos os coros de Anjos”¹⁵⁹ devido à intimidade eucarística de Deus com os homens – “o Vosso sangue une-se com o meu”¹⁶⁰ - e, conseqüentemente, “não me trocaria nem com um Serafim”¹⁶¹.

O que dizíamos das almas consagradas vale também, segundo o autor da *Imitação de Cristo*, para os sacerdotes: o sacerdote deveria possuir todas as virtudes e não caminhar entre o povo vulgar, mas com os Anjos no céu ou com homens perfeitos na terra. E mesmo assim, mesmo se fosse puro como os Anjos e santo como João Batista, ainda não seria digno de receber e tratar o sacramento da Eucaristia.¹⁶²

gegen die Dämonen hinsichtlich der verschiedenen Versuchungen derselben”; recentemente publicado em inglês, *Devotion to the Nine Choirs of Holy Angels*, Potosí, WI, 2009, 85-132; para a rica experiência de Santa Faustina que, por ex., disse: “O demônio pode ocultar-se até sob o manto da humildade, mas não sabe vestir o manto da obediência” (S. FAUSTINA, *Diário*, n. 939) cf. KIENINGER, *Os Anjos no Diário de Santa Faustina*, cap. 6: “O inimigo dos filhos de Deus” e “Como defender-se”, 85-120.

¹⁵⁷ S. FAUSTINA, *Diário*, nn. 820, 828, 834.

¹⁵⁸ S. FAUSTINA, *Diário*, n. 995.

¹⁵⁹ S. FAUSTINA, *Diário*, n. 781.

¹⁶⁰ S. FAUSTINA, *Diário*, n. 278.

¹⁶¹ S. FAUSTINA, *Diário*, n. 1049; mencionamos ainda que já os monges viviam o primado do amor, de modo que sabiam renunciar à sua disciplina se o amor ao próximo o requeresse, por exemplo, na chegada de um hóspede não esperado. Deste amor se lê no *Diário* da Santa da Divina Misericórdia: “Há mais mérito numa hora de meditação da Minha dolorosa Paixão que há na flagelação até o correr de sangue durante um ano” (Ibid., n. 369).

¹⁶² Cf. TOMÁS A KEMPEN, *Imitação de Cristo*, IV, 5.

2. A chamada universal à santidade ou a comunhão com os Anjos

Os Padres do último Concílio sublinharam duas verdades importantes:

A Igreja é peregrina!¹⁶³ Isso quer dizer que ela, aqui na terra, não encontra o seu estado final e, por isso, a vida consagrada se encontra no coração da Igreja, por um lado, como a tentativa de antecipar na medida do possível a vida após a morte e, por outro lado, como sinal que já aponta aos homens a meta final.

A vocação universal à santidade é a segunda verdade afirmada pelo Concílio. “Todos na Igreja, quer pertençam à hierarquia, quer sejam dirigidos por ela, são chamados à santidade segundo a palavra do Apóstolo: ‘Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação’ (1 Ts 4, 3; Cf. Ef 1, 4).”¹⁶⁴

Daqui segue uma séria pergunta: tudo o que pudemos ver sobre a vida angelical como comunhão entre homens e Anjos é reservado e restringido àquelas almas que se consagraram de modo especial, já nesta vida terrestre a Deus, ou os demais fiéis cristãos podem também esperar uma semelhante convivência com os Anjos, ou seja, uma vida angelical?

Quando Jesus falou da vida depois da morte no céu, onde os homens serão “como os Anjos” ou até “iguais aos Anjos”, Ele estava falando num contexto de matrimônio. Logo, podemos considerar isto como uma indicação de que a “vida angelical” é também para os fiéis leigos, solteiros e casados.

São José Maria Escrivá, como jovem sacerdote, foi inspirado no dia dos Anjos da Guarda para fundar aquela Obra que deveria ajudar os leigos à santidade ou a uma “vida angelical”. Ele afirmou: O trato com os santos Anjos e sua devoção não se pode separar do nosso apostolado!

¹⁶³ “Enquanto, aqui na terra, a Igreja prossegue na sua peregrinação longe do Senhor (cf. 2 Cor 5, 6), busca e antegoza já agora, no exílio, as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus, onde a vida da Igreja se encontra escondida com Cristo em Deus, até aparecer refulgente de glória com o seu Esposo (cf. Cl 3, 14).” (CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 6; cf. 48-51).

¹⁶⁴ CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 39; cf. 39-42.

a) A vocação universal à santidade

Cristo desceu para levar-nos ao Pai. Disse-nos estas maravilhosas palavras: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Não fora assim, e eu vos teria dito; pois vou preparar-vos um lugar. Depois de ir e vos preparar um lugar, voltarei e tomar-vos-ei comigo, para que, onde eu estou, também vós estejais” (Jo 14,2-3). Ele rezou: “Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a minha glória que me concedeste”¹⁶⁵. Jesus é o redentor de todo o gênero humano.

Quem o reconhece e se deixa batizar entra na morte de Jesus e participa na sua ressurreição. A Igreja fez suas as palavras de São Paulo e ensina: “O batizado não pertence mais a si mesmo (cf. *1 Cor* 6,19), mas àquele que morreu e ressuscitou por nós (Cf. *2 Cor* 5,15)”¹⁶⁶.

É a graça santificante, que recebemos no batismo e com a qual Deus nos faz santos, que nos recoloca no paraíso! E isso não é apenas para depois desta vida terrestre, mas já agora. Nesta luz podemos ler quase todas as cartas de São Paulo, que somente quer interpretar a Vontade de Deus e a chamada de Cristo:

“Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus”, agora já, pois continua o apóstolo: “Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra.” Mas como explicar isso dirigido a nós que estamos no meio do mundo? Perguntamos assim, porque não tomamos a sua palavra a sério, e ele não cansa de repetir: “Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.” Veremos francamente quem somos “quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com ele na glória.” Mas até então vale: “Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno: a devassidão, a impureza, as paixões, os maus desejos, a cobiça, que é uma idolatria.”¹⁶⁷ E de novo: “Vós vos despistes do homem velho com os seus vícios, e vos revestistes do novo, que se vai restaurando constantemente à imagem daquele que o criou, até atingir o perfeito conhecimento ... Portanto, como eleitos de Deus, santos e queridos, revesti-vos de entranhada misericórdia,

¹⁶⁵ Jo 17,24; cf. *2 Cor* 5,1-8; 1,23ss.

¹⁶⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1269.

¹⁶⁷ “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito” (*Rom* 12,2); São João anota uma orientação que provavelmente vem de um Anjo: “Ouvi outra voz do céu que dizia: Meu povo, sai de seu meio para que não participeis de seus pecados e não tenhas parte nas suas pragas, porque seus pecados se acumularam até o céu, e Deus se lembrou das suas injustiças.” (*Ap* 18,4-5)

de bondade, humildade, doçura, paciência. ... revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição. ... Sob a inspiração da graça cantai a Deus de todo o coração salmos, hinos e cânticos espirituais. Tudo quanto fizerdes, por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.” (Col 3,1-17)

Essa instrução vale para sempre e é “Palavra de Deus” para todo o povo de Deus. Mesmo sendo diferentes nas diversas épocas da Igreja, todos os batizados devem estar conscientes desta sua altíssima dignidade com filhos adotivos de Deus e herdeiros do céu (cf. Gal 4,4-7).

Olhando mais de perto encontramos indicações concretas que nos fazem lembrar a vida eterna, já antecipada na vida consagrada, indicações que são convites para uma vida desprendida das criaturas e “em casa” com a família de Deus, quer dizer, falando a mesma linguagem e comendo o mesmo pão:

- Desprendidos das criaturas, certamente segundo o estado de vida abençoado por Deus, mas mesmo assim com o coração primeiramente doado a Deus; é o espírito dos conselhos evangélicos que as almas consagradas professam de viver “na carne”. São Paulo explicou:

O tempo é breve. O que importa é que os que têm mulher vivam como se a não tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; os que usam deste mundo, como se dele não usassem. Porque a figura deste mundo passa.¹⁶⁸

Isso faz lembrar a subida dos monges, saindo do mundo.

No nosso tempo, talvez mais do que antes, todos são convidados a uma vida de oração e comunhão com Deus:

- Todos os fiéis foram convidados, primeiro por Jesus e repetidamente por São Paulo, a rezar sem cessar, do mesmo modo como os Anjos fazem no céu e juntamente aos monges e às almas consagradas que emprestam a sua voz à Igreja na sua dedicação à “Liturgia das Horas”. “A Liturgia das Horas é destinada a tornar-se a oração de todo o povo de Deus.”¹⁶⁹

¹⁶⁸ *1 Cor* 7,29-31; cf. por ex. também *1 Tim* 6: para a obediência: versículos 3-5ab e 20-21; para a pobreza: vv. 5c-10 e 17-19; para a castidade: vv. 11-16.

¹⁶⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, 1175; “Ela constitui ‘a oração pública da Igreja’, na qual os fiéis (clérigos, religiosos e leigos) exercem o sacerdócio régio dos batizados.” (*Catecismo da Igreja Católica*, 1174; cf. *Lc* 18,1; 21,36; “Orai

- Todos os membros do Corpo Místico de Cristo são convidados diariamente pelo coração tão generoso de Deus no Seu Filho Jesus – tanto hoje como no início da Igreja – à mesa celeste, à Eucaristia.

Será que isto é suficiente para que os Cristãos no mundo pratiquem o que a *Imitação de Cristo* formula como um princípio da vida espiritual: “Aquele que se aparta de conhecidos e amigos, desse se aproxima Deus com os seus Santos Anjos”¹⁷⁰ Será que com isso os leigos participam no ritmo diário dos monges, trabalhando, meditando e rezando?

b) O encontro com os Anjos

Mas será que Deus manda os Anjos também ao fiel cristão? Será que ele também pode receber ajuda do céu na sua vida, ocupado com coisas necessárias mas passageiras? Será que os Anjos se interessam por aqueles que ainda se encontram no meio do mundo? Será que os leigos também podem esperar de poder viver já agora uma “vida angélica” ?

Deus Pai manifestou seu poder Divino na pessoa de

Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o sentar à sua direita no céu, acima de todo Principado, Potestade, Virtude, Dominação e de todo nome que possa haver neste mundo como no futuro. E sujeitou a seus pés todas as coisas, e o constituiu chefe supremo da Igreja, que é o seu corpo, o receptáculo daquele que enche todas as coisas sob todos os aspectos. (*Ef* 1,19-23)

Jesus é também “o centro do mundo angélico”¹⁷¹.

Porque aprouve a Deus fazer habitar nele toda a plenitude e por seu intermédio reconciliar consigo todas as criaturas, por intermédio daquele que, ao preço do próprio sangue na cruz, restabeleceu a paz a tudo quanto existe na terra e nos céus. (*Col* 1,19s)

Jesus era cercado “da adoração e do serviço dos Anjos desde a Encarnação até a Ascensão... Estarão presentes no retorno de Cristo, que eles anunciam”¹⁷².

sem cessar. Em todas as circunstâncias, dai graças, porque esta é a vosso respeito a vontade de Deus em Jesus Cristo” (*1 Tess* 5,17-18; cf. também *Ef* 5,19-20; *Ef* 6,18; *2 Tim* 1,3; *1 Tess* 1,2; 2,13; 3,10; *2 Tess* 1,11).

¹⁷⁰ TOMÁS A KEMPEN, *Imitação de Cristo*, I, 20.6; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 336; S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, p. II-II, q. 23, a. 1 ad 1^{um}.

¹⁷¹ *Catecismo da Igreja Católica*, 331.

¹⁷² *Catecismo da Igreja Católica*, 333.

Então se pode crer e esperar, com toda razão, que os Anjos acompanham seu Senhor e Rei no seu Corpo Místico, que é a Igreja, já antes de Sua segunda vinda.

A graça da reconciliação por Cristo passa através do novo paraíso que é a Igreja, e em cada um que recebe o batismo será restaurada a vida angélica para a alegria dos Anjos.¹⁷³ “Vós vos aproximastes da montanha de Sião [subindo!], da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celestial, das miríades de Anjos.”¹⁷⁴ E “todos os Anjos (são) espíritos ao serviço de Deus, que lhes confia missões [descendo!] para o bem daqueles que devem herdar a salvação” (*Hb* 1,14). Por isso toda “a vida da Igreja se beneficia da ajuda misteriosa e poderosa dos Anjos”¹⁷⁵.

No Corpo Místico de Cristo, pela graça santificante, somos acolhidos na “companhia dos coros dos Anjos”¹⁷⁶ e “ainda aqui na terra”, portanto já agora, “a vida cristã participa na fé da sociedade bem-aventurada dos Anjos e dos homens, unidos em Deus”¹⁷⁷!

Nessa base se entende ainda mais outros momentos da vida cristã:

- Isto explica porque Jesus nos ensinou a pedir pela “obediência angélica”. No *Pai-nosso* podemos dizer: “Seja feita a Vossa Vontade, assim

¹⁷³ Cf. *Lc* 15,7.10; *COLOMBÁS*, 59-65.

¹⁷⁴ “Vós vos aproximastes da montanha de Sião, da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celestial, das miríades de anjos, da assembléia festiva dos primeiros inscritos no livro dos céus, e de Deus, juiz universal, e das almas dos justos que chegaram à perfeição, enfim, de Jesus, o mediador da Nova Aliança, e do sangue da aspersão, que fala com mais eloquência que o sangue de Abel.” (*Hb* 12,22-24). “A Jerusalém lá do alto é ... a nossa mãe” (*Gal* 4,26). “Nós somos cidadãos dos céus. É de lá que ansiosamente esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (*Fil* 3,20); “Sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (*Ef* 2,19).

¹⁷⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 334; cf. nota 21.

¹⁷⁶ S. BASÍLIO, *Tratado sobre o Espírito Santo*, 9, 23; cf. *Liturgia das Horas*, 3ª feira da 7ª sem. de Páscoa; S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, p. I, q. 108, a. 8.

¹⁷⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, 336; a questão da relação dos Anjos com a Igreja ou a sua participação nela foi examinada por Charles JOURNET na sua eclesiologia: *Per una teologia ecclesiale della Storia della Salvezza*, 269-292.

na terra como no céu¹⁷⁸ a fazem os Anjos¹⁷⁹, “con tal exactitud y, sobre todo, con tal amor¹⁸⁰”.

- “O sumo sacerdote da nova e eterna aliança, Jesus Cristo, ao assumir a natureza humana trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão. Ele une a si toda a humanidade e associa-se a este cântico divino de louvor.”¹⁸¹ De modo que “na liturgia terrestre, antegozando participamos (já) da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual, na qualidade de peregrinos, caminhamos. ... com toda a milícia do exército celestial cantamos um hino de glória ao Senhor e, venerando a memória dos santos, esperamos fazer parte da sociedade deles.”¹⁸²

Isto vale para a *Liturgia das Horas*, pois “nela, o próprio Cristo ‘continua a exercer sua função sacerdotal por meio de sua Igreja’,¹⁸³ e vale para a Celebração Eucarística na qual “já nos unimos à liturgia do céu e antecipamos a vida eterna, quando Deus será logo tudo em todos (*1 Cor 15,28*).”¹⁸⁴

Deve-se notar aqui que ambos os convites, tanto para a oração incessante como para a Sagrada Comunhão vem de um Anjo: “Felizes aqueles que põem em prática as palavras da profecia deste livro!” (*Ap 22,7*), “Ele me diz, então: Escreve: Felizes os convidados para a ceia das núpcias do Cordeiro” (*Ap 19,9*).

É o Anjo que cuida e quer elevar o homem à vida celeste ou angélica. Pela união dos membros com a Cabeça, o mesmo dizemos da oração pessoal do fiel: “Ele reza com os Anjos pois já seria igual aos Anjos e não sai do ambiente da sua proteção; mesmo se reza sozinho, está circundado pelos santos Anjos.”¹⁸⁵

¹⁷⁸ *Mt 6,10*; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 326;

¹⁷⁹ Cf. o grande número dos Padres que expressamente relacionam “céu” com os santos Anjos em S. SABUGAL, *Abba’...*, *La oración del Señor*; Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1985, 113-114.

¹⁸⁰ *Ibid.*, 274; cf. 298-302.

¹⁸¹ CONCÍLIO VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium - Sobre A Sagrada Liturgia*, 1963, 83.

¹⁸² *Catecismo da Igreja Católica*, 1090.

¹⁸³ *Catecismo da Igreja Católica*, 1175.

¹⁸⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, 1326.

¹⁸⁵ S. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromateis*, VII, 78,6; em SCHNEIDER, 20-21.

É também o Anjo que ajuda o homem a aceitar o mistério da cruz e abraçá-lo como fez Agar no deserto (cf. *Gen* 16,7-15) e depois, com a cruz, a tornar-se “consolador de Jesus” como o Anjo no horto, com ele ou até fazendo as suas vezes.¹⁸⁶

Recordamos ainda aquele homem da Antiga Aliança, homem segundo o coração de Deus (cf. *At* 13,22), e visto “como um Anjo”, o santo rei Davi: “bom... como um Anjo do Senhor” (*1 Sam* 29,9), irrepreensível “como um Anjo de Deus” (*2 Sam* 19,27) ou com pureza angélica, “sábio como um Anjo de Deus para saber tudo o que se passa na terra” (*2 Sam* 14,20) ou com a profundidade e a amplidão do conhecimento angélico para “discernir o bem do mal como o Anjo de Deus” (*2 Sam* 14,17) que revela a sinceridade de coração.

c) A Vida Angélica no mundo

Estas observações mostraram que a vida do fiel cristão é semelhante à vida dos santos Anjos e à das almas consagradas. Aceitamos também que “as atividades dos Anjos acompanham a vida inteira do homem”¹⁸⁷, e que “todos os fiéis são convidados e obrigados a tender para a santidade e perfeição do estado próprio”¹⁸⁸, também os fiéis cristãos no mundo. Falta então apenas mostrar, com alguns exemplos, que também a vida dos cristãos tem condições e eles são chamados para viver uma “vida angélica”, mesmo no meio do mundo, contando e pedindo – como os monges e as almas consagradas – com a ajuda dos santos Anjos.

Os Anjos ajudam também aos fiéis cristãos no mundo a crescer na santidade ou na união com Deus, a única meta de toda a missão dos santos Anjos.¹⁸⁹

Já ao Patriarca do deserto, S. Antão, foi revelado que havia um homem na cidade igual a ele. Ele era médico de profissão e dava aos pobres tudo o que tinha além do necessário, e cada dia cantava o “Sanctus” com os Anjos.¹⁹⁰

¹⁸⁶ PIO XI, *Encíclica Miserentissimus Redemptor sobre o Sagrado Coração de Jesus*, 1928, n. 20.

¹⁸⁷ J. DANIELOU, *Los Angeles en los Padres de la Iglesia*, Ciudad Nueva, Madrid 2003, cap. 7; ed. ingl., Allen Tx, 1996, 70.

¹⁸⁸ CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen gentium*, 42.

¹⁸⁹ “Toda a missão dos Anjos é de dirigir almas ao rei dos Anjos e depois desaparecer diante dele” (J. DANIELOU, *Los Angeles*, cap. 8; ed. ingl., 83-94, 92).

¹⁹⁰ Cf. *Apophthegmata Patrum*, Antão, 24.

Já o Papa Clemente I pedia isto: “Lembramo-nos do grande número de Seus Anjos (de Deus), como estão prontos e servem a Sua vontade, pois a Sagrada Escritura diz: ‘dez mil vezes dez mil estão junto d’Ele e mil vezes mil servem a Ele, e clamam: ‘Santo, Santo, Santo é o Senhor Sabaoth, a criação inteira está cheia de Sua Glória’. E se nós tentamos ser acolhidos nas fileiras dos Anjos, então deixemo-nos aprender dos santos Anjos esse louvor celestial e esse serviço da glória futura já neste mundo.”¹⁹¹

A criança Cecy Conny, mais tarde Ir. M. Antonia, serve como exemplo da educação angélica de uma criança à união com Deus no meio do mundo.¹⁹²

A jovem Santa Gemma Galgani recebeu constantes visitas do seu Anjo, de modo que, sob a sua direção alcançou a profunda união com Jesus crucificado e, com poucos anos de vida, já estava preparada para o céu – um maravilhoso exemplo da vida angélica de uma jovem cristã no mundo.¹⁹³

Vimos também monges que, por visitas de Anjos, foram guiados a tornar-se Anjo da Guarda para os outros.¹⁹⁴ Também isso podemos observar entre os fiéis cristãos no meio do mundo.

- O exemplo mais espetacular será o da jovem menina Jean D’Arc: com apenas dezesseis anos recebeu ordem de São Miguel de ajudar o rei de França a reconquistar o país de Inglaterra. Nos anos posteriores se viu como, dessa maneira, França, terra de tantos Santos, foi protegida do Anglicanismo e preservada da perda da união com a Igreja de Roma.
- Os Anjos chamam também para o sacramento do matrimônio, como aconteceu aos pais de Santa Terezinha de Lisieux: num momento inesperado, passando numa ponte e cruzando o caminho de um senhor, Zélie escuta uma voz interior que diz: “Este é o esposo que destinei para ti.”¹⁹⁵

¹⁹¹ S. CLEMENTE, *Carta aos Coríntios*, 34, 7; em SCHNEIDER, 23.

¹⁹² CECY CONNY, *Vi o meu Anjo*, Anápolis, 2011.

¹⁹³ T. P. ZECCA, *Così lontani così vicini. Gli angeli nella vita e negli scritti di Gemma Galgani*, Paoline, Milano 1998.

¹⁹⁴ “Eles [os Anjos] chamam-no [ao homem] a reentrar em si mesmo, tocando-o da parte de Deus. Neste sentido também nós, seres humanos, deveríamos tornar-nos sempre de novo anjos uns para os outros, anjos que nos afastam dos caminhos errados e nos orientam sempre de novo para Deus” (BENTO XVI, *Homilia*, 29 de setembro de 2007).

¹⁹⁵ F. HOLBÖCK, *Heilige Eheleute: Verheiratete Selige und Heilige aus allen Jahrhunderten*, Christiana Verlag, Stein am Rhein 2001; ed. ingl., *Married Saints*, San Francisco,

- Foram crianças, os pastorinhos de Fátima, que o Anjo de Portugal preparou para a visita e missão de Nossa Senhora.
- E o Papa São João XXIII confidenciou a um Bispo que a idéia de convocar um Concílio teria sido recebida do seu Anjo da Guarda.¹⁹⁶

Muitas outras intervenções de Anjos a leigos e leigas provam que a vida angélica poderia ou até deveria ser também um modelo da vida do cristão consagrado a Cristo pelos Sacramentos, no mundo também já antes da morte.

V. A “Vida angélica” para todos

Em forma de conclusão sejam dadas ainda algumas indicações na direção desta última observação, quer dizer: não só membros da vida consagrada, mas todos os cristãos deveriam viver uma “vida angélica”. “Toda la antigüedad cristiana comprendió la vocación del hombre como una vocación a participar de la vida angélica en cuanto ésta se define por la visión de Dios.”¹⁹⁷

Primeiro, só pelo uso da palavra se pode dizer:

Como comumente se usa a palavra “Alter Christus” para os sacerdotes mesmo que seja “a graça batismal que faz ... um *alter Christus*”¹⁹⁸, assim também podemos aceitar a “vida angélica” como termo para a vida consagrada, mas mais propriamente para todos os fiéis que são constituídos para a vida angélica pelo batismo, deveriam viver uma “vida angélica” e tornar-se um “Alter Angelus”.

De modo semelhante se pode falar de “vida angélica” como um tipo de vida ou programa “no papel”. Porém, como Deus nos dá aquele amor com o qual podemos amá-LO, assim os próprios Anjos nos ajudam a viver como eles; através da sua ajuda a “vida angélica” como um ideal da “vida consagrada” não fica apenas uma meta teórica, mas torna-se realidade pela comunicação pessoal com eles, concedida, aqui na terra apenas em parte, mas depois perfeitamente na Jerusalém celeste.

CA 2002, 405.

¹⁹⁶ Cf. M. STANZIONE, *I Papi e gli Angeli*, Gribaudi, Milano 2010, 26.

¹⁹⁷ L. BOYER, *Le sens de la vie monastique*, 43, cit. em COLOMBÁS, 302.

¹⁹⁸ G. TURBESSI, *Ascetismo e Monachesimo prebenedettino*, 77; notemos que nos documentos eclesiásticos mais importantes este termo não é mais usado somente para os sacerdotes.

O Cardeal Jean Danielou chegou a esta conclusão: “A vida espiritual faz com que a alma entre no mundo dos Anjos”¹⁹⁹, logo a vida espiritual não é apenas uma questão de orientação, mas é uma submissão em vista de uma união pessoal, viva e santa, divina. Através dos santos Anjos encontraremos Deus e é só n’Ele que encontraremos o nosso “original”, único e totalmente individual. Por isso São João Crisóstomo podia afirmar: “Cristo desceu do céu para fazer dos homens Anjos”²⁰⁰; pois dessa maneira, o homem comunicará com os santos Anjos e eles ajudarão à finalidade da Encarnação, segundo Santo Atanásio, ou seja: “O Filho de Deus se fez homem para nos fazer Deus” (Sto. Atanásio, *De Incarnatione* 54,3)²⁰¹.

“Os Anjos estão perto de todos os cristãos, mas vêm ajudar de modo particular aqueles que vivem uma vida autenticamente evangélica como os monges.”²⁰² Tomar Deus, Sua vontade e toda a fé a sério, exatamente o que os comprometidos na fé fazem – os consagrados e não só eles -, significa entrar em contato com os santos Anjos que esperam para serem convidados como São Rafael esperava na porta da casa de Tobit para ser chamado e lhe ser confiada a tarefa de cuidar do filho Tobias (cf. *Tob* 5,5) – e quão maravilhoso foi o resultado de sua ajuda em todos os níveis, humanos e divinos, materiais e espirituais.

Somente resta uma pergunta:

Quem então se pode dispensar de viver a sua vida, uma “vida angélica”, como e com os santos Anjos?

E, se Cristo trouxe a liturgia celeste à terra, e se “todos os fiéis são convidados e obrigados a tender para a santidade, como vimos, então não serão também todos “convidados e obrigados”, desde já, na terra a participar na liturgia dos Anjos no céu?

O Papa São Gregório Magno disse: “Devemo-nos unir espiritualmente com os coros e milícias celestes; assim tornar-nos-emos como num castelo bem guardado e eles lutarão vitoriosamente por nós contra os espíritos

¹⁹⁹ DANIELOU, *Los Angeles*, cap. 8; ed. ingl., 88s, com referência especial a S. Gregório de Nyssa.

²⁰⁰ S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Epistula ad Olympiam*, 2,7; em FRANK, 58; COLOMBÁS anota: “Não se trata, evidentemente, de uma transformação da natureza, o que é metafisicamente impossível” (65, nota 40).

²⁰¹ *Catecismo da Igreja Católica*, 460.

²⁰² R. LAVATORI, *Gli Angeli. Storia e Pensiero*, Marietti, Genova 1991, 82-98, 89.

maus.”²⁰³ E o Papa Pio XII, partindo do mesmo pensamento – os Anjos são enviados a todos, então todos devem viver com eles e como eles –, disse numa das últimas audiências: “Não podemos deixar-vos partir sem exortar-vos brevemente a recordar e reviver vosso sentir pelo mundo invisível que vos circunda – porque as coisas visíveis não existem a não ser por um tempo, as coisas invisíveis são para sempre – e de cultivar certos contatos familiares com os Anjos que são tão constantes na sua solicitude para vossa salvação e vossa santificação. Queira Deus que vós passeis uma eternidade feliz com eles; cuidai de conhecê-los já.”²⁰⁴

Deus onipotente e eterno,
que como a pedra angular reparaste pela tua encarnação
a unidade da antiga discórdia entre os anjos e os homens,
causada pela transgressão da árvore antiga,
concede aos teus servos,
na alegria dessa solenidade (de Natal) ...
que sejam conduzidos à união com os cidadãos celestes.²⁰⁵

Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, valentes heróis que cumpris suas ordens, sempre dóceis à sua palavra.

Bendizei ao Senhor todos os seus exércitos, ministros que executais sua vontade.

Bendizei ao Senhor todas as suas obras, em todos os lugares onde ele domina.

Bendize, ó minha alma, ao Senhor. (Sl 102,20-22)

Titus Kieninger ORC

²⁰³ S. GREGÓRIO MG., *Comentário in Job*, 31, 51; em SCHNEIDER, 29s; cf. FRANK, 69-74; COLOMBÁS, 124-141; HEISER, 233-247.

²⁰⁴ Papa PIO XII, 3 de Outubro de 1958; em STANZIONE, *I Papi e gli Angeli*, 67.

²⁰⁵ *Missale gothicum*, 16; em COLOMBÁS, 72s.

Índice

I. A Vida Consagrada como Vida Angélica no século XXI	162
1. O clima menos favorável no nosso tempo	163
2. Um “retorno ao sagrado”	164
II. A Vida Consagrada como Vida Angélica na Igreja.....	167
1. A origem da “Vida Angélica”.....	167
2. A Vida Consagrada e a Igreja.....	169
III. A Vida Consagrada como Vida Angélica nos primeiros séculos da Igreja.....	170
1. O primeiro passo: a subida com os Anjos	172
a) “Separar-se do mundo”.....	173
b) A veste angélica.....	174
c) Pobreza	174
d) Jejum	174
e) Vigília	175
f) Batalha espiritual.....	175
g) Castidade	176
h) Obediência.....	177
i) Silêncio.....	177
2. O segundo passo: assimilar o possível.....	178
a) A busca constante.....	179
b) Humildade	180
c) Obediência	180
d) Virgindade	181
3. A Chegada.....	181
a) A acolhida no “ordo angelicus”	181
b) Chegada à última meta	183
c) O paraíso perdido e reconquistado	185

4. A descida dos Anjos à terra – Vida Angélica e Vida Consagrada ...	187
a) A essência da união com Deus.....	187
b) A lei do amor para os Anjos	188
IV. A Vida Consagrada angélica na história	191
1. A confirmação histórica da Vida Consagrada como Vida Angélica	192
a) O caminho ascendente das almas consagradas.....	192
b) A vinda dos Anjos às almas consagradas.....	192
2. A chamada universal à santidade ou a comunhão com os Anjos	196
a) A vocação universal à santidade	197
b) O encontro com os Anjos	199
c) A Vida Angélica no mundo	202
V. A “Vida angélica” para todos.....	204